

# convergência

JUN — 1985 — ANO XX — N.º 183



- **ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NA VIDA RELIGIOSA**

Jaime E. Sullivan, OMI — página 275

- **O COMPROMISSO DO RELIGIOSO NA IGREJA PARTICULAR DA AL**

Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB — página 291

- **COMO A FAMÍLIA INACIANA INTERPRETA E VIVE HOJE O ESPÍRITO DE S. INÁCIO**

**CONVERGÊNCIA**  
Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falquetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Atico Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, PIDP  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar  
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

**Assinaturas para 1985:**

**Brasil**, taxa única, terrestre ou aérea:  
Até 30.04.1985..... Cr\$ 46.150  
**Exterior:** marítima..... US\$ 28,00  
aérea..... US\$ 38,00  
Número avulso ..... Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Composição** (foto e linotipo), **revisão, paginação e impressão:** Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

**OS RELIGIOSOS E O XI CONGRESSO  
EUCARÍSTICO NACIONAL**

*Pe. Antônio Silva, CSSR*

A CNBB convocou o Brasil para um aprofundamento de suas reflexões e ações contra a fome, mediante o XI Congresso Eucarístico Nacional, na presença de Cristo — Pão. Acrescentada à Campanha da Fraternidade de 1985, essa celebração quer viver sacramentalmente o que a fé conscientizada reconhece e a vida cristã assumida deve testemunhar (Evangelii Nuntandi 23).

Nesse Congresso Nacional há lugar amplo para os que desejam fazer dele seu retiro anual na companhia de toda a comunidade eclesial do Brasil. Os *congressistas* — *participantes* terão lugar reservado na explanada da Basílica Nacional e participarão de todas as cerimônias e palestras que desejarem.

O "Povo de Deus — Igreja que vive no Brasil" também espera declarações públicas nossas. Por isso o Congresso reservou um dia — 18 de julho, quinta-feira — em que os *consagrados e ministros* poderão, como *congressistas-peregrinos*, junto ao Cristo vivo e em frente à comunidade eclesial nacio-

nal, formando um só corpo, renovar nosso compromisso de servidores e de testemunhas de um Reino que por nosso próprio estado de vida ou de responsabilidade assumida queremos construir.

O Congresso porém não pode reduzir-se ao que se passa em Aparecida. Uma preparação séria é condição indispensável para que ele seja nacional. Uma reflexão profunda e um compromisso pessoal em diálogo individual e comunitário com Cristo sacramentado, são necessários para que seja eucarístico.

A Igreja do Brasil convida também a nós.

•••

**XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL:**  
16 a 21 de julho de 1985:

**Dia 18/7/1985:** Congressistas-PEREGRINOS\* : **CONSAGRADOS e MINISTROS**  
TEMA: "Pelo Senhor foi feito isso e é coisa maravilhosa aos nossos olhos" (Mc 12,11).

**CELEBRAÇÕES da PALAVRA e EUCHARISTIA:** 9 e 16 hs.

\*Congressistas-PEREGRINOS ficam UM dia no Congresso.

Reserve seu lugar no endereço:  
— XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL  
Cx. P. 71  
12.570 — APARECIDA — SP  
te.: (0125) 36-2144

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| EDITORIAL.....   | 257 |
| MENSAGEM DO PAPA.....  | 259 |
| INFORME DA CRB .....   | 262 |
| ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL<br>NA VIDA RELIGIOSA<br>Jaime E. Sullivan, OMI.....  | 275 |
| O COMPROMISSO<br>DO RELIGIOSO NA IGREJA<br>PARTICULAR DA AMÉRICA<br>LATINA A PARTIR DA OPÇÃO<br>PELOS EMPOBRECIDOS<br>Rogério I. de A. Cunha, SDB..... | 291 |
| COMO A FAMÍLIA INACIANA<br>INTERPRETA E VIVE HOJE<br>O ESPÍRITO DE S. INÁCIO<br>Pe. Paulo Lisboa, SJ.....  | 304 |
| CONTEMPLAÇÃO EM AÇÃO<br>Michel Cuenot.....   | 315 |
| IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO<br>NOS NOSSOS ENCONTROS<br>Pe. João M. Gardenal, SJ.....   | 319 |

# EDITORIAL

As vésperas do 11.º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, a se realizar em APARECIDA, de 16 a 21 de julho próximo, sob o lema "PÃO PARA QUEM TEM FOME", cabe lembrar as palavras de JOÃO PAULO II em BOLSENA, Itália: "O homem é um ser vivo que necessita de pão. Assim como o pão ordinário é proporcionado à fome terrena, assim o Cristo, o pão extraordinário, é proporcionado à fome extraordinária e desmedida do homem capaz e até mesmo ansioso por se abrir a aspirações infinitas."

Dois terços da Humanidade passam fome. É o sinal do pecado na forma da saciedade por um lado, e do empobrecimento que chega ao absoluto de outro. Se todo ser humano necessita de pão, com extrema intensidade dele necessitam hoje os homens-objeto, escória da Humanidade "desenvolvida", os pobres absolutos, presentes no Terceiro Mundo quanto no Primeiro e Segundo, os que já formam o QUARTO MUNDO da miséria sem fronteiras. São o Mundo-Sacramento do Cristo espezinhado pela maldade humana. Esse Mundo tem fome. Fome de pão e de Deus na fome de justiça e de amor.

O Cristo, ao saciar os famintos, fez do pão o sinal do dom de Deus. O pobre o intuí em sua miséria. Perdeu tudo, menos o olhar compassivo de Deus. Por

isso mendiga: "Um pedaço de pão, pelo amor de Deus!"

Dizia alguém: "Privar o pobre da possibilidade de amar a Deus, é a injustiça absoluta!" Em sua fome de pão o pobre tem fome do Deus cujo braço forte pode mudar o rumo das coisas. Deus é sua reserva de dignidade. "Que o mundo entenda, enfim, que os pobres não são dejetos jogados ao lixo, pois somos todos filhos de Deus, e Ele não faz diferenças", dizia uma senhora, habitante do QUARTO MUNDO. Que ela também possa cantar um dia, com MARIA: "Minh'alma engrandece o Senhor... porque elevou os humildes... enriqueceu de bens os famintos..."

CONVERGÊNCIA de junho apresenta as seguintes reflexões:

"ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NA VIDA RELIGIOSA", de Pe. JAIME SULLIVAN OMI, enfrenta um delicado problema na ordem prática da vida espiritual, para o religioso de hoje. Objeto de crise, a orientação espiritual — ou como se queira chamar — retoma aos poucos o devido lugar na caminhada pessoal do religioso. Como PAULO teve seu ANANIAS, hoje ainda se faz necessário o serviço do apoio, da iluminação e do discernimento para o crescimento de quem deseja viver a radicalidade da fé na Vida Reli-

giosa. É disso que trata Pe. SULLIVAN.

“O COMPROMISSO DO RELIGIOSO NA IGREJA PARTICULAR DA AMÉRICA LATINA A PARTIR DA OPÇÃO PELOS EMPOBRECIDOS”, de Pe. ROGÉRIO IGNÁCIO DE ALMEIDA CUNHA SDB, é uma análise do relacionamento entre Vida Religiosa, Igreja Particular e Igreja Universal. A Igreja Particular concretiza a Igreja Universal. E nela a Vida Religiosa se torna elo de ligação, por sua vocação à universalidade. Nela se concretiza seu carisma fundacional, dom de Deus à Igreja Universal. “As Congregações não TÊM mas SÃO um carisma da Igreja Universal”, pois “o coração do carisma é a edificação do Corpo de Cristo” que tem como critério de autenticidade “o serviço realista ao pobre”. “Não é papel das Congregações conquistar, marcar e desenvolver um lugar dentro da Igreja, mas conquistar e marcar um lugar PARA a Igreja no mundo da luta humana”.

Pe. PAULO LISBÔA SJ, atualmente um dos Coordenadores do CETESP, órgão da CRB Nacional, aborda em “COMO A FAMÍ-

LIA INACIANA INTERPRETA E VIVE HOJE O ESPÍRITO DE SANTO INÁCIO”, o carisma inaciano. Depois de algumas pinceladas históricas, Pe. PAULO se debruça mais longamente sobre o momento jesuítico atual cujas raízes próximas busca no VATICANO II e nas últimas Congregações Gerais de sua Ordem: momento de serviço à fé, à promoção da justiça, à construção de um mundo mais humano e divino.

“CONTEMPLAÇÃO EM AÇÃO”, de MICHEL CUÉNOT, e “IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO NOS NOSSOS ENCONTROS”, de Pe. JOÃO M. GARDENAL, SJ, são dois textos breves, mas textos-testemunho-de-vida. O primeiro, de MICHEL CUÉNOT, revela alguém fortemente inserido no meio do povo, consciente da presença de Deus na vida do povo, onde e através do que é Ele contemplado, numa “contemplação-em-ação”. O segundo, de Pe. GARDENAL, em sua brevidade relembra com força a sempre necessária explicitação da presença de Deus na dimensão orante de nossa vida, a necessidade da oração em nossa ação.

**Pe. ATICO FASSINI, ms**

**Encontro com as Religiosas, a 30/01/1985, em QUITO  
in L'OSSERVATORE ROMANO, 10/02/1985, pág. 1-3**

# **O VOSSO TESTEMUNHO DE AMOR É FERMENTO DE RENOVAÇÃO SALVÍFICA**

1. A vossa vocação tem o atrativo de ser sinal portador de alegria e de esperança, de serenidade e de fidelidade incontestáveis ao Evangelho. É a alegria de pertencer exclusivamente a Deus.

A renúncia aos bens e às seguranças terrenas, no espírito do Sermão da Montanha e pela profissão dos conselhos evangélicos, é uma consagração que transformará os vossos serviços em missão de proximidade e de transcendência ao mesmo tempo. Proximidade caminhando com os demais irmãos como companheiros do vosso peregrinar; mas transparecendo também com o testemunho da vossa vida aquele "mais além" que se cumprirá no encontro definitivo com Cristo.

A vossa vocação é de escuta atenta e amorosa à palavra de Deus, que em vós se transforma em resposta generosa por meio da oração contemplativa e da entrega aos irmãos. Pela vossa vida de louvor, adoração e serviço a Deus, colaborais no seu plano de criação, redenção e comu-

nhão universal. Os vossos horizontes são os do Coração de Cristo, que se consagra ao Pai para a salvação de toda a Humanidade (cf. Jo 17,19).

2. O vosso ser feminino é criador; daí a vossa inegável capacidade de alegria, de pureza, de sinceridade. Esse mesmo ser vos dá uma capacidade especial para compreender, reconciliar, perdoar. É ele também que vos dá poder de unidade e de aglutinação, para atrair para o redil do Bom Pastor todos os que são chamados pelo amor e desejo ardente de Cristo Redentor (cf. Jo 10,16; 19,28).

Vós sabeis muito bem que a vossa capacidade de amor e entrega a ideais altos pode evitar as destruições do ódio e da violência; pode aliviar as feridas do egoísmo e quebrar as correntes de todas as opressões e escravidões que derivam do pecado.

Mas para que a vossa vocação e a vossa condição como pessoas consagradas a Deus possam dar seus

frutos, convertendo-se em instrumentos de reconciliação, de unidade e de criadora iniciativa, é necessário que todo o vosso ser esteja centrado n'Aquele que é "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). "A nossa vida é Cristo" (**V.<sup>a</sup> Morada, 2, 4**), dizia Santa Teresa de Jesus, fazendo sua a exortação de São Paulo (cf. Col 3,3).

Recordai também que "levamos este tesouro em vasos de barro" (2Cor 4,7); por isso, juntamente com uma atitude serenamente crítica, mas clara e decidida, ante um mundo com freqüência materialista e confiante nas suas conquistas técnicas, não deve faltar a consciência da própria debilidade e da experiência da misericórdia de Deus na própria vida. Deste modo vos convertereis em instrumentos de misericórdia e de perdão para todos.

Como não recordar que precisamente uma profunda experiência de misericórdia é que vos faz ser mães de misericórdia e exemplos de Maria? Com efeito, "Maria é também a pessoa que, de modo particular e excepcional, como ninguém mais, experimentou a misericórdia e, ao mesmo tempo e ainda de modo excepcional, tornou possível com o sacrifício do coração a própria participação na revelação da misericórdia divina" (**Dives in misericordia, 9**).

3. A palavra de Nosso Senhor e Mestre, interpretada pelo Magistério da Igreja, celebrada na liturgia eucarística, contemplada no coração e vivida pelos santos, deve alimentar a fidelidade generosa e perseverante na vossa vocação, para além das ten-

tações de personalismos egoístas, de idéias e iniciativas à margem do Evangelho.

A vossa vida consagrada faz-vos entrar no coração de Deus, para sintonizar com os seus planos de salvação universal. Nele encontrareis a opção preferencial, mas que não exclui ninguém, de Cristo pelos mais pobres e necessitados. Contemplação, vida comunitária e serviço converter-se-ão em equilíbrio unificador do vosso coração, que vos capacitará para chegardes a todas as necessidades do mundo de hoje. Por isso, deveis ser missionárias sem limitações nem fronteiras.

4. A vossa vida consagrada nasce de uma expressão de amor, manifestado no "segue-Me" de todos os dias. O conhecimento evangélico de Cristo e a força viva do encontro pessoal e comunitário com Ele, modelarão a vossa vida obediente, pobre e casta.

Um Cristo obediente ao Pai até à morte de cruz, é loucura para o mundo (cf. 2Cor 1, 23), mas é iluminação para aquele que obedece com essa criadora imolação da vontade, que torna fecunda a entrega e abundante a colheita espiritual e apostólica.

Cristo pobre, despojado de todo o poder e entregue por nosso amor, é o argumento mais sólido da pobreza e liberdade que n'Ele se alcança; a pobreza de Cristo é o melhor caminho para uma libertação integral do homem e da sociedade inteira.

Cristo virgem vos transmitirá o

seu amor esponsal e vos ensinará a considerar todas as pessoas pelo que elas são, e não por causa das suas qualidades, intuindo nelas o mistério divino escondido no mais profundo do seu ser; no vosso olhar e no serviço que abrange todas as pessoas, elas descobrirão o olhar do Bom Pastor. Por esta doação e união esponsal com Cristo, tornar-vos-eis sinal portador de Deus Amor para todos os homens, de modo especial para os que sofrem, os que são pobres, e para as famílias.

“O mundo tem necessidade da genuína ‘contradição’ da consagração religiosa, que seja para ele um permanente fermento de renovação salvífica... É precisamente deste testemunho de amor que o mundo de hoje e a Humanidade têm necessidade” (*Redemptionis donum*, 14). A vossa consagração torna-se máxima capacidade de associação a Cristo e de serviço eclesial, a exemplo de Maria na sua entrega ao plano de salvação.

---

## ERRATA

“Solicitamos ao Leitor de *CONVERGÊNCIA*, atenção e compreensão para algumas correções na transcrição tipográfica do artigo “A VIVÊNCIA DAS BEM-AVENTURANÇAS COMO CAMINHO DA ESPIRITUALIDADE”, de Pe. VIRGÍLIO CIACCIO SSP, artigo publicado em *CONVERGÊNCIA* de ABRIL de 1985, p. 154s.:

- 1) Na p. 158, penúltima linha da segunda coluna: em vez de “existência”, deve ser “EXIGÊNCIA”;
- 2) Na p. 161, segundo parágrafo da segunda coluna: incluir depois de “... a lógica da mansidão contra a lógica...”, as palavras “... DA VIOLÊNCIA; A LÓGICA DA PARTILHA FRATERNA CONTRA A LÓGICA DO EGOÍSMO;...”;
- 3) Na p. 163, no terceiro parágrafo da primeira coluna, incluir, depois de “... os justos...”, as palavras “... SE FARTAM DE JUSTIÇA, E OS PERSEGUIDOS SE RIEM...”.

As correções são solicitadas pelo autor do artigo.”

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1985.

Pe. Atico Fassini ms

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

Publicamos abaixo, correspondência havida entre a Presidência Nacional da CRB e a Presidência das UNIÕES DOS SUPERIORES MAIORES de Institutos Religiosos Masculinos e Femininos de ANGOLA. São textos do maior interesse não só para as CONFERÊNCIAS RELIGIOSAS em causa, mas também para todos os Institutos Religiosos que, do BRASIL, enviam ou pretendem enviar Religiosos como MISSIONÁRIOS à ANGOLA.

Ao PRESIDENTE  
da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS  
DA ANGOLA  
LUANDA — ANGOLA

Rio de Janeiro,  
14 de setembro de 1984  
V — 261/84

Revm.º Sr. PRESIDENTE,

Tendo tomado conhecimento de que, proximamente, será realizada uma Assembléia da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DA ANGOLA, quero, como Presidente da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, expressar-lhe, Sr. Presidente, e a todos os Membros da Assembléia, a certeza de nossa prece pelo bom êxito dessa reunião.

Muitos, sem dúvida, serão os temas e preocupações sobre os quais esta Assembléia se debruçará. O Senhor Jesus, que prometeu estar entre aqueles que se reunissem em seu Nome, marcará fortemente, com sua presença, a reunião daqueles que, em terras da ANGOLA, entregam a própria vida a serviço do Evangelho.

Da pauta dessa reunião é possível que faça parte igualmente, a questão do envio e da presença de Missionários brasileiros a serviço do Povo de Deus na ANGOLA.

Se isso ocorrer, é de nosso interesse, sem querermos ser importunos, saber :

- 1.º) Se a Igreja, na ANGOLA, tem real necessidade da presença e serviço de Religiosos Brasileiros;
- 2.º) Como a Igreja, na ANGOLA, vê a atual presença de Religiosos brasileiros junto ao povo angolano;
- 3.º) Quais as expectativas da Igreja, na ANGOLA, com relação a eventuais novos envios de Religiosos brasileiros a terras angolanas;
- 4.º) Em que a nossa CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL poderia colaborar com a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DA ANGOLA.

O que nos move a solicitar-lhe essa reflexão, Sr. Presidente, é nosso amor pelo povo angolano, nosso irmão, e nossa solidariedade com a Igreja e Religiosos que ali se põem a serviço do Reino de Deus.

Muito gratos seremos pela ajuda que a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DA ANGOLA pode nos prestar com essa reflexão.

Rogamos ao Senhor Jesus que dê a todos a fortaleza profética e apostólica de seu Santo Espírito para que, ao Nome de Jesus, se dobre todo o joelho, nos céus e na terra.

Seu irmão em Cristo,

**Irmão Claudino Falchetto, FMS**  
Presidente Nacional da CRB

### **USMIRFA**

União das Superiores Maiores  
dos Institutos Religiosos Femininos  
de Angola

Luanda, 15 de Fevereiro de 1985

Exmo. Senhor Presidente da  
Conferência dos Religiosos do  
Brasil

RIO DE JANEIRO

Senhor Presidente :

Embora tarde, pelo que peço desculpa, agradeço em meu nome pessoal e no das respectivas Juntas Directivas, a vossa carta de 14/9/1984, e igualmente os votos formulados pelo êxito das nossas Assembléias já realizadas. Sem dúvida alguma, que as preocupações pelos momen-

tos fortes que vivemos, e as respostas que o Povo angolano e a Igreja local nos pedem, são temas candentes, para a solução dos quais muito agradecemos a vossa oração e muito nos ajuda também o vosso interesse e a vossa solidariedade.

Sabemos realmente que os Religiosos do Brasil estão conosco, e conosco querem vir servir o REINO, mesmo conhecendo o "risco" de tal serviço pelo anúncio do EVANGELHO.

Ponderámos juntamente a vossa carta, e a ela respondemos com igual interesse. Não temos dúvida em afirmar :

1 — Que a Igreja em Angola, muito está beneficiando da presença e serviço dos Religiosos brasileiros. Que eles prestam um ótimo serviço a este Povo, e que as Congregações aqui radicadas, estão aproveitando da experiência e preparação dos Missionários brasileiros, quer dando a sua colaboração a comunidades religiosas, quer orientando Cursos (a nível inicial ou de formação permanente), ou impulsionando mesmo Congregações locais, que iniciaram a sua caminhada.

2 — Reconhecemos que esta presença é benéfica junto deste Povo e igualmente oportuna: quer por se identificar bastante com o Povo angolano e falar inclusivamente a língua veicular, quer por se tratar de uma Igreja jovem carente de pessoal e de meios.

3 — Tendo em conta a resposta anterior, e sempre respeitando as

devidas consultas às Autoridades competentes, achamos que os Religiosos brasileiros são bem aceites e necessários nesta Igreja de Angola.

4 — a) vossa Conferência pode colaborar conosco, abrindo novas possibilidades à vinda de outros Missionários (particularmente gente especializada para ajudar na Formação);

b) colaborando assim na preparação de Religiosos angolanos ou de outras nacionalidades quer no Brasil quer em Angola;

c) enviando material para a Formação (livros, revistas, audiovisuais, etc.).

E é isto o que se nos oferece dizer-lhe, afirmando desde já a nossa solidariedade e os nossos desejos muito fraternos, para um trabalho comum ao serviço do Reino de Deus. Confirmando uma vez mais a nossa gratidão pela vossa solicitude por este Povo de Angola, pedimos ao Senhor Jesus que abençoe todos os vossos trabalhos apostólicos.

Pelas respectivas Juntas Directivas — CSMIRMA e USMIRFA

O PRESIDENTE

**Pe. Antonio Koremann, SVD**

A PRESIDENTE

**Irmã Maria Tereza Madeira Vilela**

---

## **43.º CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL (CEI) NAIROBI — QUÊNIA — 11-18/agosto/1985**

### **TEMA : "EUCARISTIA E FAMÍLIA CRISTÃ"**

O Papa JOÃO PAULO II convida todos os cristãos a se unirem na prece, em preparação ao 43.º CEI. Em sua MENSAGEM AO CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL EM NAIROBI, afirma: "A Eucaristia e a Família Cristã (tema do CEI) tem grande significado não só para a Nação que hospeda (o CEI), mas também para os membros da Igreja em cada país do mundo."

O PONTIFÍCIO CONSELHO PRÓ FAMÍLIA elaborou e distribuiu um Documento-base em vista do 43.º CEI. Nesse Documento, o CONSELHO PRÓ FAMÍLIA parte do aspecto comunitário da EUCARISTIA, expresso nos termos bíblicos CASA, FAMÍLIA, ALIMENTO, para descrevê-la como SACRAMENTO FAMILIAR donde brota a vida e o apostolado familiar. "É o Encontro Eucarístico o que, a cada dia, constitui a Família Cristã em Missionária do Vasto Mundo."

**Pe. Atico Fassini, ms**

# **NOVA GERAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**

O que os jovens religiosos pensam e questionam hoje sobre vida religiosa no Brasil

Apresentamos aqui os dados mais significativos de uma pesquisa realizada por iniciativa da CRB do Paraná, com o objetivo de detectar as orientações e os questionamentos dos religiosos da nova geração em relação à realidade e ao sentido da vida religiosa hoje.

Foram entrevistados uma centena de religiosos jovens que estão ainda na fase da formação. A grande maioria deles mora em Curitiba. Pertencem a 19 Institutos religiosos femininos e 18 masculinos.

## **I — VIDA RELIGIOSA COMO EXPERIÊNCIA DE DEUS :**

**O que é para eles a vida religiosa.**

Na base das respostas ao questionário, os jovens parecem marcar com particular insistência o aspecto oblato da vida religiosa, como entrega a Deus no serviço aos irmãos, negando a visão mais tradicional de "fuga do mundo" e de "separação para Deus". Eles entendem esta dimensão oblato como encarnação na caminhada histórica do povo de Deus, colocando-se ao lado dos pobres e sendo elemento de transformação da sociedade.

**2g / Imitar a Cristo obediente, casto, pobre e comprometido com a causa dos pobres: 67%**

**2e / Buscar a Deus no serviço dos irmãos: 62%**

**5a / A vida religiosa na América Latina não tem sentido senão colocar-se ao lado dos pobres: 60%**

**5b / A vida religiosa na América Latina só tem sentido se for elemento de transformação na linha da justiça e da libertação: 79%**

Por outra parte esta projeção "horizontal" do sentido da vida religiosa parece conviver em perfeita harmonia com aquilo que chamamos de "dimensão vertical" da vida religiosa: busca e experiência de Deus. Convidados a indicar uma ordem de prioridades entre diversos elementos da vida religiosa, eles estabelecem a seguinte escala de valores:

**3c / Espiritualidade: 72%**

**3a / Ambiente comunitário: 50%**

**3i / Missa diária: 44%**

Exemplo claro da convivência das duas dimensões são as respostas

sobre o valor da oração na vida religiosa :

**6e / Uma religiosa sem oração é um corpo sem vida: 78%**

**6d / Uma oração em que não entra a vida, a causa dos pobres, é alienação: 40%**

Por isso, os fatores que mais os questionam em relação à vida religiosa hoje parecem ser os seguintes:

— Por uma parte o estilo e as estruturas tradicionais da vida religiosa que parecem obstacular a realização plena desta dimensão de "encarnação" junto ao Povo de Deus :

**4b / Estilo de vida burguesa, numa sociedade de pobres: 66%**

**15e / A impossibilidade de partici-**

**par realmente da condição dos pobres, sendo que a estrutura do Instituto sempre dá segurança e respaldo econômico: 51%**

**18b / O fato de perceber-se inseridos num padrão de vida de classe média: 78%**

— Por outra parte eles registram a dificuldade de conciliar, na prática, as exigências da "consagração" com as exigências da "inserção-encarnação" no meio do povo.

**4a / Ativismo apostólico, afetando a vida de oração e de união com Deus: 62%**

**4f / Conflito entre as exigências da consagração religiosa e os apelos da inserção apostólica no meio do povo: 40%**

## **II — VIDA RELIGIOSA COMO COMUNHÃO DE IRMÃOS :**

### **O que pensam os jovens sobre vida comunitária**

As perguntas sobre este aspecto da vida religiosa visavam detectar nos jovens, mais do que definições teóricas da vida comunitária, uma avaliação da experiência prática e os questionamentos que eles estão vivendo: o que favorece, o que mais impede e o que deveria mudar na vida comunitária.

a) O que mais favorece a vida comunitária :

**8d / Um clima humano de compreensão, de diálogo, de res-**

**peito da individualidade de cada pessoa: 71%**

**8c / A maturidade humana dos membros: 55%**

**8f / Realização comunitária do projeto apostólico, elaborado e assumido pela própria comunidade: 55%**

**8g / Respeito e espaço pela iniciativa e criatividade de cada membro da comunidade: 52%**

b) O que mais impede a vida comunitária :

**10c / A falta de maturidade humana: 56%**

**10g / A convivência de pessoas diferentes por formação e mentalidade: 41%**

c) O que deveria mudar ou melhorar na vida comunitária :

**7g / Uma estrutura de vida mais simples que facilita o contato com o povo: 69%**

**9g / Mais abertura, diálogo e participação: 47%**

**9h / Mais reflexão crítica sobre a realidade: 38%**

**9d / Uma vivência mais plena junto com o povo: 27%**

**9c / Mais silêncio e vida de oração: 24%**

O apelo para um maior diálogo e para uma maior valorização da pessoa do religioso é evidente. Interessante também a insistência sobre a maturidade humana como exigência indispensável para a vida comunitária:

**7c / Sem uma grande maturidade humana não é possível uma vida comunitária sadia: 77%**

**Cfr. também: 8c e 10c**

Outro dado importante sobre vida comunitária se refere ao que os jo-

vens pensam sobre o tipo de comunidade ideal para a formação. A tendência predominante é para as pequenas comunidades inseridas no meio do povo.

**7f / A comunidade pequena, inserida no meio do povo, oferece melhores condições para a formação dos jovens: ambiente mais familiar, mais simples e espontâneo, contato vivo com a caminhada do povo, ligação mais estrita entre teoria e vida, etc. : 54%**

**7g / Uma estrutura de vida mais simples facilita um contato maior com o povo: 69%**

Aparece também marcante o abandono do esquema tradicional: "superior-súdito" e "vontade do superior-vontade de Deus" para uma visão mais comunitária da obediência religiosa, como compromisso comunitário para discernir e realizar o projeto do Reino.

**12d / Autêntica obediência hoje é assumir com disponibilidade e dedicação o projeto da comunidade: 72%**

**12c / Na comunidade não há superior e súdito mas todos são irmãos corresponsáveis na busca e na realização da vontade de Deus: 71%**

### **III — VIDA RELIGIOSA COMO MISSÃO : O que os jovens pensam e questionam sobre a realização do compromisso apostólico na vida religiosa.**

Aqui também a pesquisa tentou detectar como o jovem religioso encara o confronto entre o ideal e a prática da dimensão oblativa da vi-

da religiosa no serviço aos irmãos.

Fortemente sensibilizado pela dimensão de "inserção-encarnação",

que ele considera essencial para o projeto próprio da vida religiosa, o jovem manifesta questionamentos particularmente significativos neste campo :

**14 / Falta de coerência e de continuidade entre o carisma originário e as obras atuais do Instituto no Brasil: 58%**

**15g / Insegurança e incerteza referente ao específico da vida religiosa hoje na Igreja: 57%**

**18b / O fato de perceber-se numa estrutura de vida cujo estilo corresponde ao padrão da classe média: 78%**

**15c / A estrutura de vida da comunidade que impede uma inserção plena no meio do povo e dos pobres: 43% (Cfr. também 15e, 17b, 19a).**

Entre os fatores que mais impedem a realização comunitária do projeto apostólico eles apontam :

**16o / Individualismo na elaboração e realização do apostolado: 61%**

**16h / Falta de diálogo comunitário: 50%**

#### **IV — OPÇÃO VOCACIONAL E FORMAÇÃO**

Uma última série de perguntas era destinada a conhecer as motivações e as circunstâncias da opção vocacional dos jovens entrevistados e o seu pensamento em relação aos formadores. Indicamos como particularmente significativos os seguintes dados :

- a) — 59% escolheram o Instituto religioso em que vivem, "por circunstâncias casuais" que os levaram a entrar em contato com aquele Instituto.  
— A percentagem dos que fizeram uma escolha ponderada é de 39%

b) Entre as características que o formando considera importantes na tarefa do formador se destacam :

**23e / Saber respeitar a opinião dos membros da comunidade e promover a participação e responsabilidade: 86%**

**23d / Ter bons dotes humanos, em particular capacidade de diálogo e de relacionamento, visão do mundo e da realidade: 80%**

**23c / Ter espírito sobrenatural e de oração: 46%**

#### **CONCLUSÃO:**

Os limites impostos ao presente relatório não permitem aprofundar mais a informação e a reflexão sobre os dados da nossa pesquisa. A título de conclusão queremos sim-

plesmente apontar as orientações mais marcantes que emergem dos dados aqui apresentados :

— Vida religiosa como experiência

de Deus, não porém como "separação", mas como inserção e solidariedade na caminhada do povo.

- Questionamento sobre esquemas e estruturas tradicionais da vida religiosa que parecem constituir um obstáculo na realização plena deste projeto de solidariedade.
- Conflito entre as exigências práticas da "consagração" religiosa e a inserção apostólica no meio do povo.
- Superação da estrutura tradicional "superior-súdito" para uma corresponsabilidade frente ao projeto comunitário de vida e de engajamento apostólico.

— Apelos para uma estrutura de vida mais simples e em contato com o povo. Esta exigência é particularmente marcante em relação à formação.

- Insistência sobre o fator "maturidade humana" como condição para a vida religiosa e em particular para a vida comunitária.
- Questionamentos sobre identidade própria do religioso na Igreja e na sociedade.
- Questionamentos sobre coerência entre carisma originário e obras atuais do Instituto.

EQUIPE DE REFLEXÃO —  
CRB Paraná.

# 3.º ENCONTRO NACIONAL DAS IRMÃS DE SÃO JOSÉ NO BRASIL

"Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos." (Lc. 10,21)

As Irmãs de São José surgiram oficialmente em 15 de outubro de 1650 mas, provavelmente, tiveram seus inícios em 1645 ou 1646.

Seu fundador é Padre Jean Pierre Médaille, da Companhia de Jesus. Nasceu aos 6 de outubro de 1610, em Carcassone, cidade do sul da França.

Seu "Pequeno projeto", como ele o chamou, surgiu de seu zelo apostólico, pois foi ardoroso missionário nos campos de Auvergne, no centro da França, e, da contemplação da Eucaristia e da Encarnação.

Em suas viagens missionárias, constata os terríveis efeitos de quase um século de guerras civis e religiosas: órfãos, doentes abandonados e desunião dos espíritos e dos corações.

Encontra numerosas moças e viúvas, sensíveis à miséria reinante e desejosas de se consagrarem a Deus. Mas não se sentem chamadas à vida monástica, única forma de vida religiosa reconhecida na época, ou não possuem o dote requerido pelos mosteiros. Orientadas, espi-

ritualmente, pelo Padre Jean Pierre Médaille, essas mulheres humildes formam espontaneamente grupos de três ou quatro, para se sustentarem mutuamente na busca de Deus e, se consagrarem ao serviço de todos os que sofrem a seu redor.

Assim, por volta de 1646, surgem nas vilas de Auvergne pequenas comunidades no meio do povo, como fermento na massa.

Padre Jean Pierre Médaille encontra-se diante de um impasse no discernimento da vontade de Deus: Como responder ao apelo do Senhor que lhe vinha através da realidade com uma clareza inconfundível mas que se opunha ao Direito da Igreja?

Na contemplação do Mistério de Cristo, oculto na Eucaristia, Padre Jean Pierre Médaille, recebe uma iluminação e percebe nitidamente o caminho a seguir.

Em carta a uma irmã diz: "É preciso que eu lhe escreva os humildes pensamentos que a bondade imensa de nosso único Salvador se dignou comunicar-me a respeito de seu projeto. Ele me fez ver UM MODELO

PERFEITO do pequeno projeto na SANTÍSSIMA EUCARISTIA..."

"Esse Jesus que aí está, minha querida filha, está totalmente aniquilado. E não devemos nós também, enviadas por Ele, trabalhar para o ESTABELECIMENTO DE UM INSTITUTO ANIQUILADO?" E Padre Jean Pierre Médaille continua sua "CARTA EUCARÍSTICA", assim conhecida na Congregação das Irmãs de São José, descrevendo como deve ser a vida consagrada das Irmãs, o instituto e sua missão. Na certeza de estar agindo conforme a ordem do Senhor, ele entrevê as grandes linhas e a expansão do instituto que "nunca parecerá ser alguma coisa no mundo...", sem hesitar redige os regulamentos das Filhas de São José.

Desta forma, sem qualquer apoio humano, Padre Jean Pierre Médaille, apesar das leis civis e religiosas da época, tem coragem de abrir caminho para uma forma de vida religiosa. As Irmãs não vivem em mosteiros mas em pequenas comunidades e de modo muito simples e discreto.

"O viver e o vestir de nossa pequena instituição será, com a ajuda de Deus, de uma extrema frugalidade e modéstia; entretanto, conforme a diversidade de condições..." (Carta Eucarística).

As Irmãs de São José, hoje, no mundo inteiro estão sentindo-se desafiadas pela realidade atual, como outrora o fundador se sentiu interpelado pela realidade de sua época.

No início as Irmãs dependiam do respectivo bispo diocesano, por isto a Congregação se subdividiu em várias Congregações, mantendo, porém, sua unidade no Carisma legado pelo fundador e, haurindo sua vitalidade nos mesmos documentos fundacionais.

As Congregações são hoje em número de 49. Após o Concílio Vaticano II muitas formam federações para juntas buscar o próprio fortalecimento e dar respostas aos desafios da atualidade.

No Brasil temos 11 Congregações: Irmãs de São José de Novara, Pinerolo, Cuneo, Concórdia, Baden, Rochester, Brentwood, Médaille, Lyon, Peterborough e Chambéry.

As 11 Congregações presentes no Brasil atuam em diferentes pontos do país: Amazonas, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

Até pouco tempo essas Congregações não se conheciam e pouco sabiam da existência umas das outras.

Em 1981 realizou-se o 1.º Encontro Nacional das Irmãs de São José no Brasil, em Uberlândia, na casa central das Irmãs de São José de Rochester. A coordenação esteve a cargo de Irmã Ida de Jesus Oliveira, da Província de São Paulo e de Irmã Katherine Marie Popowich da província de Rochester.

Este 1.º encontro foi o resultado de contatos que Irmã Katherine M.

Popowich vinha mantendo desde 1979, com apoio e incentivo de Irmã Helena Maria Bianchi, superiora geral das Irmãs de São José de Chambéry. Neste primeiro encontro houve 37 participantes, tendo como objetivo :

- Encontrar-nos para conhecer-nos.
- Unir-nos para caminhar juntas.

Foram tratados os temas :

- Nossa espiritualidade
- Evangelização
- Formação.

O conhecimento mútuo foi uma experiência extremamente preciosa na descoberta da unidade de nosso Carisma da grande variedade de nossas origens geográficas, nossas histórias e experiências.

A reflexão sobre a realidade da América Latina e o papel da Igreja nesta realidade nos levou a definir elementos comuns para a nossa missão.

Foi também incentivada a comunicação intercongregacional das Irmãs de São José no Brasil, através de um boletim informativo.

Em fevereiro de 1983 realizou-se o 2.º Encontro Nacional das Irmãs de São José no Brasil. O local escolhido foi Teresina, Piauí, na casa das Irmãs de São José de Concórdia. Fez-se presente Irmã Bette Moslander, presidente desta Congregação e todas as Irmãs que trabalham no Brasil (4 americanas e 16 brasileiras). Participaram do encontro 52 Irmãs de 11

Congregações. O encontro foi coordenado por Irmã Ida de Jesus Oliveira e Irmã Katherine Marie Popowich.

O tema foi "Nosso carisma vivido na realidade latino-americana".

Em conjunto foram traçadas linhas de ação a serem assumidas por todas as participantes (ver no final).

Em janeiro de 1985 foi concretizado o 3.º Encontro Nacional em Ituberço da província de São Paulo, das Irmãs de São José de Chambéry.

A coordenação esteve a cargo de Irmã Patricia Neihouse, Irmã Marlena Boeger e Irmã Ida de Jesus Oliveira, respectivamente das províncias de: Concórdia, Rochester e São Paulo.

O enfoque deste 3.º encontro: Nossa formação de Irmãs de São José como processo contínuo encarnado na realidade.

Objetivo: Buscar na oração, na partilha, na reflexão, como formarmos continuamente para sermos cada dia mais coerentes com as exigências de nosso carisma e da realidade de nosso povo.

As participantes foram em número de 56. Contamos com a presença de Irmã Mary Savoie, presidente das Irmãs de Concórdia (USA) e sua vice-presidente, Irmã Jeanette Wasinger, bem como de Irmã Helena Maria Bianchi, superiora geral das Irmãs de São José de Chambéry.

Os temas estudados:

Realidade mundial hoje,  
Evangelização num mundo de  
mudanças,  
Formação permanente,  
Nossa formação permanente  
à luz do nosso Carisma.

Houve debates e trocas de experiências apostólicas nos meios populares de periferia urbana e de zona rural.

A convivência, a busca, a reflexão, o estudo e a oração nos uniram a descobrir-nos em nossa caminhada juntas.

Estes três encontros nos ajudaram a descobrir-nos em nossa identidade comum, a unir nossas forças e a encorajar-nos a assumir os desafios provocados pela realidade mundial e, sobretudo latino-americana.

A realidade nos impele a caminhar sempre mais; a exemplo de Cristo que assumiu a realidade humana em sua totalidade, menos no pecado. Somos, pois, convocados à contemplação do Senhor que se encarnou e se doou na Eucaristia para viver, e agir com Ele, nEle, como Ele e para Ele.

O 3.º Encontro foi para as 56 participantes um acontecimento simples mas muito tocante e provocante. Foi como uma clarividência de nosso papel, hoje, no meio do povo, que é de ser fermento na massa e grão de trigo na terra. Uma missão silenciosa, discreta mas, atuante. Isto nos responsabiliza a assumir nossa formação permanente com seriedade e em profundidade.

Sentimos, também, a necessidade de unir forças não só entre nós, mas com todos os que conjugam esforços no sentido de transformar as estruturas injustas em estruturas mais humanas e fraternas. Em vista disto enviamos uma mensagem de apoio aos bispos americanos que estão questionando a estrutura econômica dominante nos Estados Unidos.

Escrevemos também, às Federações das Irmãs de São José da Itália, da França e dos Estados Unidos, comunicando um pouco do que foi nosso encontro em Itu.

Nós, Irmãs brasileiras, queremos trazer a público o testemunho das Irmãs italianas, americanas e canadenses que trabalham no Brasil. Sua coragem, seu despojamento, sua alegria de trabalhar junto aos mais empobrecidos são para nós um incentivo, um convite à desinstalação e, mesmo, uma convocação a partir... A vocês, queridas Irmãs, nosso muito obrigada.

## CONCLUSÕES DOS TRÊS ENCONTROS :

### I.º ENCONTRO :

- Aprofundar nosso carisma e a vivência da Dupla União Total. (C.E.)
- Formar consciência crítica à luz do Evangelho e de Puebla.
- Reafirmar a opção pelo pobre, procurando ser, com ele, uma presença profética e evangelizadora.

### II.º ENCONTRO : Linhas e ação:

- 1.º) Ser presença atenta, simples e discreta iluminada pela fé, assumida em comunidade, vivida com o povo, participando e apoiando sua organização para construir uma nova sociedade justa e fraterna.
- 2.º) Desenvolver nossa consciência crítica na situação histórica, estudando movimentos e sistemas que se opõem à nova sociedade buscando ser presença transformadora.
- 3.º) Estabelecer critérios coerentes com nosso Carisma e apelos da Igreja.

### III.º ENCONTRO: Enfoque:

- 1.º) Aprofundar nosso Carisma nos aspectos de ENCARNAÇÃO e EUCARISTIA, integrando a nossa vivência concreta para dar respostas mais adequadas à realidade de hoje.
- 2.º) Intensificar a formação bíblica e teológica na linha da libertação e o estudo de sistemas e ideologias.
- 3.º) Aperfeiçoar a metodologia, analisando constantemente a nos-

sa prática, para que nossa ação seja eficazmente transformadora.

- 4.º) Dar passos concretos e progressivos para assumir os vários níveis de inserção nos meios populares e na participação de suas organizações.

### MOÇÃO :

Buscar caminhos e meios para uma formação inicial conjunta das diversas Congregações, a partir das necessidades, intensificando o intercâmbio entre as formadoras.

### MEIOS :

- 1.º) Reforçar o boletim como meio de informação, formação e questionamento.
- 2.º) Fazer intercâmbio de recursos humanos e materiais para inserção nos meios considerados prioritários e para apoio e/ou solidariedade nas lutas populares.

"Sim, Pai, bendigo-Te porque assim foi do teu agrado." (Lc 10,21)

**Irmã Maria do Carmo Giongo**

# ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NA VIDA RELIGIOSA

Jaime E. Sullivan, OMI

## INTRODUÇÃO

Toda espiritualidade da Vida Religiosa tem que ser um padrão de comportamento (atos e palavras) e de atitudes que resultam da posição perante a realidade de Deus na Pessoa de Jesus Cristo. Tal posição diante de Jesus Cristo é o determinante das posições que o Religioso toma diante das outras realidades com que se relaciona conscientemente na sua liberdade: ele mesmo, os outros e o mundo. Vida Cristã é o seguimento de Jesus Cristo. O Religioso publicamente toma a vida cristã a sério, declarando que Jesus Cristo é o centro de sua vida. Este seguimento é real e verdadeiro quando vivido diariamente por atos e palavras conseqüentes. É um projeto de vida que exige que sempre passemos além da situação limitada em que, em qualquer momento, nós nos encontramos. E isso é crescimento.

## CRESCIMENTO PESSOAL

Toda pessoa, incluindo religiosos, tem uma vocação ao crescimento pessoal integral. Cada pessoa individualmente tem que se responsabilizar pela própria vida. O Papa Paulo VI indicou isso claramente no pa-

rágrafo 15 da "Populorum Progressio": "Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é vocação. É dado a todos, em germe, desde o nascimento, um conjunto de aptidões e qualidades para as fazer render; desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal, e permitirá a cada um orientar-se para o destino que lhe propõe o Criador. Dotado de inteligência e de liberdade, é cada um responsável tanto pelo seu crescimento como para sua salvação. Ajudado, por vezes constrangido por aqueles que o educam e rodeiam, cada um, sejam quais forem as influências que sobre ele se exerçam, permanece o artífice principal do seu êxito ou do seu fracasso: apenas com o esforço da inteligência e da vontade, pode cada homem crescer em humanidade, valer mais, ser mais."

O Santo Padre insiste em que "o crescimento humano constitui como que um resumo dos nossos deveres". "Pela sua inserção em Cristo vivificante, o homem entra num desenvolvimento novo, num humanismo transcendente que o leva a atingir a sua maior plenitude: tal é a fi-

nalidade suprema do desenvolvimento pessoal" (PP 16).

Há muitas coisas envolvidas neste processo de crescimento humano. O simples crescer, não por reação às emoções e sentimentos, mas crescer conscientemente, relacionando-se na liberdade, com as realidades de si mesmo, dos outros, do Transcendente (Deus, Jesus Cristo) e do mundo, exige um esforço consciente para interiorizar os valores que nos fazem "valer mais, ser mais". Conhecer onde estamos e aonde queremos ir, quais são os bloqueios e como superá-los, é importante para nosso caminhar. Há muitos meios para nos ajudar neste processo.

Entre esses meios para nos ajudar a crescer integralmente, mas especialmente em nossa relação com Deus, no discernimento da vontade Dele, e nas experiências apostólicas pessoais nossas, está a orientação espiritual.

Em primeiro lugar, precisamos estabelecer a distinção entre orientação espiritual e auto-direção espiritual. A orientação espiritual é a ajuda que uma pessoa dá a outra. A auto-direção é baseada no pressuposto de que o âmago do "eu" do homem é seu espírito, e a força primordial do desabrochamento do homem é sua espiritualidade. "Espiritualização implica rendição ao transcendente e a descoberta e aceitação da direção-de-vida espiritual única da pessoa à luz do Transcendente. Também envolve a encarnação da direção-da-vida espiritual nos aspectos pessoais e vitais do eu total da

pessoa" (1). O orientador nunca pode substituir a descoberta pessoal da direção, a chamada, o caminho a seguir, colocado dentro do coração de cada pessoa por Deus. A descoberta gradual daquela direção determinará como qualquer pessoa deve concretizar sua vida.

Um orientador espiritual, ou, se quiser, um guia, acompanhante, conselheiro, diretor, estará simplesmente a serviço da direção que cada pessoa tem e está seguindo em sua própria vida.

O que é, então, orientação espiritual, e como pode ajudar o religioso a crescer? Por causa da limitação de espaço não entraremos nos tipos de direção espiritual do passado que poderiam ter deixado bloqueios a esta forma de ajuda. Os autores e as pessoas experimentadas no assunto, e a própria crítica de pessoas que sentem a necessidade de ajuda no seu crescimento, reconhecem a necessidade "de uma redefinição, de uma demitização, de purificação neste apostolado" (2). É necessário salvar o essencial e eliminar os elementos secundários que não estão em conformidade com a realidade atual, e que não ajudam a conseguir os valores pretendidos.

## **MODELOS DE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL**

Frei Damen Isabell OFM apresenta quatro maneiras ou modelos de ajuda que a pessoa tem para ajuda na sua própria orientação (3). Há a orientação geral da Igreja, o orientador espiritual fundamental depois do

Espírito Santo que é a fonte da direção-da-vida da pessoa. A Igreja organiza a sua doutrina, ensinamentos, moralidade, rituais para orientar a caminhada dos seus membros para o Senhor. A Igreja apresenta a única espiritualidade que é o Evangelho. Existem também diversos grupos dentro da Igreja, formados para aproveitar mais plenamente da orientação geral da Igreja. Entre estes, primeiramente, como um dom do Espírito à Igreja, estão as Ordens e Congregações Religiosas e outras formas de vida consagrada na Igreja. Aqui, suas espiritualidades especiais, as maneiras concretas de viver o Evangelho em atos e palavras, são orientados pelos valores derivados dos respectivos carismas. Também há uma orientação oculta. Esta direção vem das influências e exemplos que recebemos das pessoas, acontecimentos, encontros em nossa vida. É bom observar as reações e respostas de outros à orientação de nossa vida, manifestada por nossos comportamentos. Palestras, leituras, conversas, exemplos, desafios, revezes, acontecimentos na vida do povo, tudo isso Deus usa para guiar-nos em direção a Ele. Então há orientação um a um. Esta é a situação pessoal de uma pessoa orientada, ou melhor, acompanhada por outra. Estudando várias definições de diferentes peritos no assunto, e separando os elementos essenciais repetidos em quase todas, penso que podemos usar a seguinte formulação do conceito de orientação, apresentada por Irmã Sandra Schneiders JHM em um artigo, "O Ministério Contemporâneo da Direção Espiritual", para podermos examinar melhor o assunto.

## DEFINIÇÃO DE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

"Orientação Espiritual é um **processo** feito num **contexto de fé** e de um **relacionamento interpessoal entre duas pessoas**, no qual um (orientador) **competente** ajuda a um irmão cristão a crescer na vida espiritual por meio de encontros pessoais que têm o **crescimento** (na vida no e do Espírito do orientado) como objetivo explícito" (4).

Vários destes elementos da definição distinguem a orientação espiritual individual de que estamos tratando, de outras formas de atividades humano-espirituais que podem ajudar a uma pessoa a crescer na sua vida espiritual. Falar "diferente" não é falar "melhor", "pior".

Não queremos, pelo fato de distinguir, menosprezar ou diminuir o valor de outras maneiras de ajuda. O que é melhor e mais necessário, ou mais útil numa época da vida, é decisão totalmente pessoal.

Orientação espiritual é **processo**. Assim, não é consulta ou conversa única ou ocasional sobre um problema ou experiência espiritual. Tem certa continuidade e seqüência, e usualmente, regularidade. A freqüência (mensal, bi-mensal) não importa tanto como a regularidade dos encontros e a continuidade do conteúdo.

Este processo é feito num **contexto de fé**, na escuta e presença do Espírito de Deus. Isso exige um ambiente de oração inicial e final, mas também momentos de oração, quan-

do parecem vantajoso, durante o encontro também. Aqui se distingue de aconselhamento psicológico: — no objetivo, conteúdo e dinâmica.

Orientação espiritual é **relacionamento interpessoal entre duas pessoas**. Aqui é diferente de todos os tipos de formação e crescimento grupal. Trata-se principalmente do reconhecimento do chamado único e pessoal de Deus ao indivíduo, e a resposta pessoal e única do indivíduo àquele chamado. A vida espiritual cristã é essencialmente comunitária, mas seja qual for a intimidade pela qual estamos unidos um ao outro em Cristo, há uma dimensão ultimamente única de nossa experiência de Deus, porque a revelação de Deus em Jesus, oferta a todos, tem que ser eventualmente interiorizada (e respondida) pelo indivíduo.

Na orientação espiritual, a concentração está na experiência do indivíduo em toda sua particularidade.

Isto, não para o indivíduo fechar-se sobre si, mas ao contrário, aprofundando sua união com Deus e crescendo na sua experiência, ele pode se unir mais ainda com os irmãos em comunidade e pelo serviço.

O relacionamento envolve um **orientador competente**. Aqui há uma diferença entre orientação espiritual e certos tipos de entre-ajuda de duas pessoas. Como disse acima, a entre-ajuda para o crescimento espiritual não pode ser desprezada, pois é ajuda válida — mas sob certas condições. Se as duas pessoas têm vida espiritual num ritmo de crescimento, e ambas têm experiência e pre-

paração, certamente podem se ajudar uma à outra a crescer. E isto se a conversa trata de experiências espirituais e não somente de problemas. Se porém, é simplesmente apoio e simpatia mútuos, pode tornar-se uma sociedade limitada de admiração mútua, e não parece que uma ajudaria à outra.

No caso de pessoas iniciando sua vida religiosa, quando nenhuma das duas tem muito conhecimento e/ou experiência na vida do Espírito, esta entre-ajuda pode ser o caso de cego conduzindo a cego, ou pior, uma sessão, de lamúrias!

Na orientação espiritual, o **objetivo explícito é o crescimento** do orientado. Este crescimento só pode ser determinado pelo orientado, no seu relacionamento com Deus. Naturalmente, o orientador também pode e deve crescer, por causa deste encontro, mas isso não é o motivo da orientação. É um processo por um convite para facilitar aquele crescimento desejado pelo orientado.

### **Natureza da Orientação (5)**

O que a Orientação Espiritual não é:

Informativa: Orientação Espiritual não é principalmente uma atividade informativa. Pode ser ocasião de comunicar e assimilar conhecimentos teológicos e espirituais sobre o sentido da mensagem do Evangelho. Onde há necessidade de informar ou corrigir desentendimento de conceitos, a informação é dada.

**Terapêutica:** Orientação espiritual não é principalmente terapêutica, embora possa às vezes incluir aconselhamento sobre problemas e dificuldades, ou referência a um profissional psicológico.

**Conselhos:** orientação espiritual não é principalmente dar conselhos, embora seja ocasião, de vez em quando, de dar sugestões, alternativas e opções que podem ajudar.

### Funções principais

Orientação Espiritual é **PRINCIPALMENTE:**

**Esclarecimento:** A conversa na orientação espiritual dá a capacidade à pessoa para compreender, objetivar e articular sua própria vivência da fé, esperança e amor. A objetivação das experiências da pessoa nunca é plenamente adequada, mas ela não pode compreender o que está sendo pedido —, como deve crescer, sem um esforço para expressar a experiência. Há expressão mesma, a pessoa começa a compreender e perceber sua experiência, seus bloqueios no crescimento, sua vida de oração, a percepção e perspectiva de suas ansiedades, medos e a raiz de suas relações e reações com os outros. Nesta objetivação é que a pessoa entende melhor sua experiência de Deus, seus sentimentos religiosos, os apelos do Espírito. Também é ajudada pelas perguntas, apoio, confirmações, encorajamento e confronto, com os quais o orientador assiste. Não é o orientador que esclarece, mas a própria pessoa que, neste processo de verbalização, esclarece a si mesma, a própria experiência. Este esclarecimento é ne-

cessário para que a segunda função da orientação espiritual possa ser cumprida: que a pessoa seja capaz de discernir e responder aos movimentos de Deus, experimentados na sua vida.

**Discernimento:** O discernimento progride junto com o esclarecimento. É um crescimento na capacidade de reconhecer e responder aos chamados do Espírito. Exige uma maneira de viver, um processo total vivencial que faz a pessoa capaz de responder à pergunta: "Que devo EU fazer para responder à PALAVRA DE DEUS revelada e existencial, nesta SITUAÇÃO, aqui e agora?"

Discernimento espiritual, consciência da presença do Espírito que vive dentro de mim, ou atenção aos impulsos espirituais dentro de mim, para poder distinguir aqueles que procedem do Espírito Santo, é atitude de vida. "Implica que eu faça uma decisão livre, continuação do caminho pelo qual o Espírito Santo me tem conduzido", é minha direção-da-vida; "uma decisão que respeita o que sou e o que Deus me pede a ser."

O orientador deve entender e estar vivendo uma vida de discernimento. O orientador deve aprender a discernir.

### Objetivos da Orientação Espiritual

O objetivo geral da orientação espiritual é o crescimento espiritual da pessoa. O crescimento na vida no/e segundo o Espírito. Viver é crescer

—é viver mais autenticamente, mais plenamente. O documento da CLAR "Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina", no Capítulo II, explicita bem essa vida: "Vida espiritual não é uma parte do homem, separada do corpo, nem... significa o cultivo e o desenvolvimento exclusivo das faculdades espirituais do homem, como a inteligência, a vontade e outras. Vida Espiritual é... um viver do Espírito, e Ele habita em nós. É um viver segundo Espírito Santo, enquanto por sua força somos levados a viver uma vida nova em atitudes e obras, como homens espirituais."

Crescer nesta vida, quer dizer ultrapassar a situação-limite em que a pessoa está — para ser mais: mais consciente de si, mais aceitável por si, mais desprendido do seu "eu", mais capaz de dizer e viver o "Sim" ao Pai, mais unido à vontade de Deus. É ter nova visão dos acontecimentos, da realidade — integrar isso na sua vida cotidiana.

Se não há crescimento, devemos examinar o porquê. Se a orientação espiritual não ajuda no crescimento da pessoa, não há motivo de fazê-la.

### **Conteúdo da Orientação Espiritual (6)**

O conteúdo da Orientação Espiritual não pode ser predeterminado. É a **vida** da pessoa. Mas há certos elementos que normalmente surgirão durante a conversa — elementos que são necessários para o crescimento da vida no/e segundo o Espírito, ou bloqueios para tal cresci-

mento. Aqui especificamos somente alguns elementos importantes. Se o objetivo principal da direção é o crescimento, estes elementos podem ser considerados como os objetivos específicos. Aqui simplesmente apresento os elementos para despertar a necessidade que um orientador tenha para aprofundar, estudar, orar e experimentar os mesmos na própria vida espiritual.

#### **a) Visão de Fé da Realidade**

A visão-de-fé é a maneira com que a pessoa se vê em relação a toda realidade. Espiritualidade é fé encarnada. É o dia inteiro da pessoa. Isso deve ser o ponto principal e focalizado na conversa com o orientador. Como vejo os outros indica como ajo em relação a eles. Frequentemente examinamos como agimos e, então descobrimos nossa visão de fé. Desta visão-de-fé vejo o que sou chamado a ser, o relacionamento com Deus.

Isso é importante para a pessoa questionar sua inserção na realidade. Como é que o orientado visa tudo que não é Deus: pessoas, lugares, impulsos, sentimentos, situações (de opressão, injustiça) etc... Frequentemente articulamos a visão da fé e percebemos que é diferente do que somos. Na orientação espiritual olhamos os comportamentos para verificar a visão de fé, e chegamos à compreensão de quem somos diante do Senhor. Assim podemos ser fiéis criativamente ao nosso chamado.

## b) Imagem de Deus

Uma imagem errada de Deus pode ser um desvio básico ou obstáculo fundamental no crescimento da pessoa na sua união com Deus. Imagens de Deus podem produzir uma realidade falsa e afetar a maneira como a pessoa reza. A imagem que a pessoa tem de Deus é revelada muitas vezes pela sua oração.

Em religiosos podem ainda existir imagens falsas de Deus. Há o Deus Papai Noel que dá presentes e responde rapidamente aos nossos pedidos e necessidades. O Deus policial que só vigia nosso comportamento e castiga desvios, assim incitando medo. Outra imagem é o Deus diretor de Peça Teatral que já escreveu o roteiro da vida e não espera esforço da pessoa. O Deus negociante com quem a pessoa faz um contrato para seguir a letra da lei. Também há a imagem do Pai forte ou fraco que me trata segundo meu comportamento, um Deus temperamental.

Qual é a imagem de Deus que confronta a pessoa com a questão central: "Quem dizes que Eu Sou?" (Lc 9,20). Ele é uma idéia ou uma pessoa que encontro. Não há uma só imagem que seja a certa. A pessoa precisa reconhecer a imagem que ela tem de Deus agora, e se for necessário, trabalhar até a imagem mudar.

Outras possíveis imagens de Deus:

Imagem de Deus **Pai Bondoso** — Ternura — que ama totalmente e perdoa completamente — que me conhece, corrige — desafia.

Imagem de **Amigo** — Deus que me chama pelo nome, que me chama amigo. Deus que me liberta, me salva.

Precisamos usar de nossa fé para destruir nossas imagens falsas de Deus para deixar Deus ser Deus. Precisamos estar abertos ao constante chamado de Deus para confiar mais, amar mais, ser mais.

## c) Identidade Espiritual (7)

Para o homem chegar à verdadeira liberdade interior, o primeiro requisito é que o amor para com Deus esteja no centro da consciência. O homem deve ser consciente do amor de Deus e de Seu convite, para que seja dada uma resposta de amor. Nossas motivações devem brotar desse amor-resposta.

Por isso é importante que a pessoa descubra sua "identidade espiritual", e seja consciente de sua experiência espiritual.

O homem se conhece como ser que muda em temperamento, atitude, ponto de vista, mas ao mesmo tempo permanece o mesmo. Ele quer ser alguém, único, que permanece para sempre. No âmago do seu ser há o desejo de eternidade, há uma permanência da pessoa única no meio da descontinuidade de mudanças.

Cada pessoa experimenta muitas coisas diferentes. Situações, acontecimentos, sentimentos, impressões, intuições, movimentos da graça — tudo junto, quando são examinadas

com atenção, constitui a experiência que, para cada pessoa, é única. A experiência também tem uma dimensão espiritual — a experiência de Deus.

Esta experiência de Deus não é limitada somente a momentos mais profundos quando a pessoa sente fortemente a presença de Alguém além de si. Há certas experiências na vida que têm maior significação que outras. Um encontro, acidente, retiro, notícia, visita a uma favela, expressão de amor, desejo profundo de ser melhor, ansiedade sobre a fraqueza, sentido de impotência perante a realidade, a responsabilidade para com os semelhantes — tudo isso a pessoa pode experimentar como canais do encontro com Deus e são parte da experiência espiritual.

A consciência que a pessoa tem de sua própria experiência leva-a a definir o seu "eu". A identidade é o total das percepções que uma pessoa tem sobre si mesma. É a percepção e avaliação de si como ser que é basicamente único e que continua a ser o mesmo durante o percurso inteiro do seu desenvolvimento psico-social.

Viver numa presença oracional as minhas vivências, recolhendo destas, com atenção, as experiências da minha vida, permite que eu veja emergir uma certa linha de direção de vida. Isso cria a possibilidade de encarnar minha presença na vida, com a liberdade de escolher e comprometer-me na resposta ao chamado de Deus para mim.

Na orientação espiritual a pessoa

pode ser ajudada a expressar para si, a sua experiência de Deus, e reconhecer a necessidade de conhecer-se espiritualmente para estabelecer uma consistência nas suas escolhas e compromissos.

#### d) Oração

Qualquer crescimento na vida espiritual implica uma vida de oração. Crescer na união com Deus é crescer num relacionamento. Oração é a resposta pessoal e comunitária à Presença de Deus. É ser presente à presença de Deus em nós. Há três aspectos de a oração genuína ser consciente da presença de Deus: ter uma fé real nesta presença; ter gratidão por causa desta presença; responder com amor.

A orientação espiritual deve ajudar a pessoa a tornar-se mais receptiva diante do Senhor, levar a pessoa a ser consciente da sua experiência de Deus, e ajudar a escutar mais atentamente a Deus na Escritura e nos acontecimentos da vida.

O orientador pode chamar a pessoa a iniciar, renovar ou aprofundar a sua vida de oração.

De fato, sem o ambiente de oração e o desejo de esforço da pessoa para orar, é impossível aproveitar da orientação espiritual.

### **CRITÉRIOS PARA VERIFICAR A EFETIVIDADE DA ORIENTAÇÃO (8)**

Como vamos saber se a orientação espiritual que damos a uma de-

terminada pessoa é válida, está ajudando a crescer, é boa ou má?

O objetivo é o crescimento da vida no/e segundo o Espírito, é uma união mais profunda e crescente com Deus. Isto foge a uma verificação concreta.

O verdadeiro critério de crescimento espiritual é o fruto do Espírito Santo, como Paulo descreve aos Gálatas: "O fruto do Espírito é a caridade, o gozo, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fidelidade, a modéstia, a continência, a castidade" (Gal. 5,22).

Mas estas, são realidades interiores e não são mensuráveis. Na vida, estes sinais aparecem no processo de desenvolvimento. Sendo do Espírito, aparecem não separadamente, mas juntas. Podem uma ou outra aparecer mais evidente por um tempo do que outro. Mas uma nunca pode impedir o crescimento da outra. Quando há conflito, ou uma está faltando totalmente, ou é preciso suspeitar de uma ilusão.

Um outro critério de crescimento interior, é a experiência de Jesus. Isso se manifesta na capacidade de viver segundo a própria convicção, apesar da oposição; na empatia que transcende a classe ou status social ou econômico da pessoa; numa confiança crescente no Pai face a realidade; numa entrega total ao Pai, enquanto se engaja na guerra contra o mal; uma posição firme pela justiça e misericórdia, ainda quando precisar morrer para si mesmo, e uma

vontade de aceitar a morte, e confiar ao Pai a ressurreição.

O valor de critérios é que dá ao orientador pistas para determinar se a orientação está na direção do Senhor e dos irmãos, ou não.

A Vida Interior deve mostrar-se na ação e reação exterior. O crescimento na união com Deus tem que afetar a união com os homens.

Como uma pessoa responde de fato à sua comunidade, seus relacionamentos, à profundidade e direção do seu trabalho, à realidade ao seu redor, ajudará para verificar os resultados de seu crescimento.

A prática da caridade é um bom sinal de crescimento na Vida no Espírito. Ou o modo como está sendo vivida a orientação de SÃO PAULO aos Coríntios: — A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, nem procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça mas se regozija com a verdade.

Quando não há nenhum crescimento cristão exterior, não tardará a ser observado algo de errado no crescimento interior.

## **O ORIENTADOR ESPIRITUAL (9)**

A arte de direção espiritual (a capacidade de ser um bom diretor) não pode ser apreendida de manuais, apostilas ou cursos, como também

não se aprende a ser um bom pastor ou um amigo desta maneira.

O orientador é um guia. O primeiro pré-requisito para uma pessoa ser um orientador espiritual é que ele seja espiritual. Os guias são úteis, mas somente quando já tenham algum experiência do que seja a expedição e o caminho.

Falar das qualidades de um orientador espiritual competente é indicar ao mesmo tempo suas funções no processo. Sem querer esgotar ou limitar o assunto, vamos apontar algumas qualidades que um bom orientador deve ter ou adquirir.

### **1. Capacidade para escutar**

O orientador é alguém que escuta atentamente. Primeiramente, ele sabe escutar a Deus na oração e na vida, e tenta responder ao que ouve com o compromisso de sua própria vida.

A seguir, ele sabe escutar ao outro que vem lhe falar, e escutar ativamente, não somente as palavras mas ao que o outro está querendo dizer por trás das palavras. Ele escuta com os ouvidos, os olhos e o coração.

Enfim, ele escuta a Deus neste outro — o que Deus está dizendo ao outro —, nas suas orações e nas realidades da vida dele. Jean Laplace escreve a respeito desta qualidade de orientação espiritual: "Muitas pessoas esperam que nós lhes perguntemos sobre sua vida. É importante que elas se acostumem a

não contar com nossas perguntas, mas falar por sua própria vontade. Somente depois que as escutamos por muito tempo é que assim seremos capazes de perguntar a questão essencial."

### **2. Espírito de Aceitação**

O orientador aceita o outro como ele é. Aceita-o pela palavra e sobretudo pela atitude comportamental. A convicção de que ele não é melhor do que o outro, garante uma confiança absolutamente imprescindível para a direção. Este espírito de aceitação é um espírito de amor para o outro. É prontidão para ver Cristo no outro e não julgá-lo. Não basta dizer que aceita, mas pelo acolhimento e o comportamento de atenção e compreensão, tem que demonstrar que tem um respeito profundo pela dignidade da pessoa e pelo que é bom no orientando.

### **3. Conhecimento suficiente da Vida Espiritual**

O orientador tem que ser uma pessoa espiritual. Este conhecimento deve abranger a teoria mas também, e principalmente, deve ter sido experimentado. Em outras palavras: — ele precisa ser dono de uma genuína espiritualidade. Sua capacidade e sua competência estão na proporção de seu próprio crescimento na vida no/e do Espírito. A sua própria experiência dos caminhos do Espírito ajuda-o a conhecer as maneiras em que o Espírito age. Deve ter também um conhecimento básico da Teologia contemporânea. "Um ver-

dadeiro diretor nunca deve parar de se educar." Já nos referimos à necessidade de um conhecimento básico de psicologia.

#### **4. Prudência**

Ele deve poder aplicar verdades de maneira concreta e prática. CONFRONTO, QUESTIONAMENTO, DESAFIO, são necessários, mas é importante ter a sabedoria de saber os momentos certos de confrontar.

#### **5. Empatia**

Procurar colocar-se no lugar da pessoa sem se envolver emocionalmente. Ter a sensibilidade de oferecer encorajamento e apoio na hora certa.

#### **6. Integração**

O orientador deve ser uma pessoa integrada, capaz de conjugar sua própria vida espiritual com a vida contemporânea, de colocar a sua vida espiritual dentro da cultura, arte e ciência contemporânea. A integração é manifestada pela paz interior.

Os princípios de espiritualidade têm que ser inseridos na experiência da vida atual, numa realidade de tempo e espaço, sem traição da verdade. A vida no/e do Espírito não é vida no outro mundo. Espiritualidade é justamente isto: sincronização da fé com a ação atual. Ele deve ter um bom nível de liberdade no domínio das emoções. Capacidade de enfrentar a sua própria realidade é um pré-requisito.

#### **7. Pessoa de Fé**

O sentido todo do crescimento da vida no/e do Espírito é a fé, fé em Deus, fé em Jesus Cristo. Uma fé simples, fé experimentada e profunda no poder da oração. Afinal é o Senhor que está agindo no dirigido. Esta fé é resposta, é entrega a Alguém, numa opção fundamental de vida.

Por isso, o orientador é uma pessoa de oração, de vida de oração que é ter presente a presença de Deus. Uma pessoa que nas suas orações pode rezar com, para e sobre o dirigido.

#### **8. Secundariedade**

Uma pessoa que reconhece que é secundária na conversa entre Deus e o dirigido. O único DIRETOR é o Espírito Santo. O papel do diretor é mais de João Batista: — apontar o caminho e exortar à preparação.

Secundariedade no sentido de personalidade — isto é, uma pessoa ponderada, séria, fiel mas facilmente acessível à vida interior.

#### **9. Sigilo**

A pessoa que pode criar confiança e manter um clima de crescimento. O sigilo na orientação espiritual é sagrado e tem que ser mantido com toda rigidez.

#### **10. Em Processo**

Evidentemente, nenhum orientador tem todos estes elementos em es-

tado puro. Ele, como todos os filhos de Deus, está em processo.

Um bom orientador trabalhará para ser ele mesmo o mais plenamente possível, para que possa ajudar a seus dirigidos. Ele deve dizer com Paulo: "Não que eu já tenha alcançado o prêmio, ou que já seja perfeito, mas prossigo a minha carreira para ver se de algum modo o poderei alcançar, visto que eu fui apreendido por Jesus Cristo. Irmãos, não penso havê-lo já alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo em direção ao alvo, para obter o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Fil. 3,12-14).

Todo bom orientador sabe que está em processo, e aceita isso com alegria. O carisma da Orientação Espiritual é discernimento.

Pe. WILLIAN CONNOLLY SJ apresenta algumas perguntas que ajudarão na escolha de uma pessoa como Orientador Espiritual (10) :

1. Pode essa pessoa me escutar ou ela já tem um plano feito para mim ?
2. É importante ter meu próprio estilo de oração. Pode a pessoa me dar a liberdade de desenvolvê-lo segundo minha própria maneira ?
3. Ela está em contato com a realidade ? Tem os pés no chão ?
4. Inspira confiança? Sabe de que ela está falando ? Tem experiência ?

5. É a pessoa livre em si mesma para que não seja ameaçada pelas minhas opiniões ?
6. Pode ela falar de coisas pessoais ?
7. Parece ela chamada ao ministério de Orientação Espiritual ? (as pessoas confiam nela naturalmente ?)
8. Estou interessado nela somente para estar com ela, porque gosto dela ou porque ela pode me conduzir no meu relacionamento com Deus ?

## **O ORIENTADO — QUEM RECEBE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL**

### **Quem deve ir à Orientação Espiritual? (11)**

Orientação Espiritual é um dos métodos auxiliares para crescimento na vida do espírito. Ninguém pode ser forçado ou obrigado a se submeter ou a procurar um orientador espiritual. Há muitas pessoas que não querem nem procuram outro nível de experiência de Deus e não sentem necessidade de examinar ou se aprofundar mais nesta experiência. Há outras que já estabeleceram um ritmo de aprofundamento e crescimento no seu relacionamento com Deus e não sentem necessidade de ajuda individual.

Há pessoas, porém, que tendo um relacionamento com Deus e empolgadas com isso, desejam crescer mais e sentem que a ajuda indivi-

dual é necessária. E também as insatisfeitas com sua situação espiritual porque estática ou em deterioração. Há pessoas iniciando sua vida religiosa com o propósito de dar-se realmente a Deus num crescimento constante. Para todas essas pessoas a orientação espiritual pode ser uma grande ajuda. Numa palavra, quem deve ir à orientação espiritual é quem quer, quem sente necessidade, quem pode lucrar com ela, quem pode crescer por meio dela. Concretamente, será para a pessoa que sente a necessidade de orientação e que a deseja bastante para pedir a alguém esta ajuda e que aceita as exigências deste relacionamento.

Usualmente, uma pessoa sente necessidade de orientação nos "momentos de crescimento" ou de mudança na vida espiritual. Isto é, quando sentir necessidade de integrar ou reintegrar a vida espiritual num nível novo.

### **Resistência**

Ainda que precisando de orientação espiritual ou podendo beneficiar-se com ela, há pessoas que, consciente ou inconsciente, resistem à oportunidade. Podem existir muitos motivos para que as pessoas que têm oportunidade, não procuram orientação espiritual: — preconceitos surgidos de experiências infelizes do passado com orientação espiritual; medo de abrir-se a um outro; medo de ser ela mesma; auto-suficiência; medo de tirar a máscara; desconfiança; acomodação; superativismo; desconhecimento do conceito verdadeiro de orientação. Es-

tas e muitas outras razões podem bloquear uma pessoa de procurar esta ajuda.

Uma pessoa sente uma insatisfação suficiente para gerar uma preocupação predominante com o objetivo verdadeiro de orientação espiritual. Ou seja, o crescimento constante de sua vida no e segundo o Espírito cria uma abertura básica, e encontra um mínimo de compatibilidade humana com uma pessoa competente; ela está pronta para experimentar esta ajuda.

**"OS QUEIMADOS"** — Um fenômeno novo tem surgido nos últimos anos, cujas "vítimas" poderiam aproveitar da orientação espiritual e, se necessário, da orientação psicológica. "Queimado" é uma palavra que descreve aquelas pessoas que se acham enfraquecidas, sem energia, incapazes de se reanimar, muito menos de animar outras. É um fenômeno que se manifesta entre o pessoal de liderança, superiores maiores, pessoal de formação, conselheiros. Está começando a aparecer entre os que estão engajados em ministérios de grande tensão e frustração tais como a pastoral operária, ministérios de justiça, de direitos humanos, e muitos outros. Alguns dos sintomas são um sentido de incapacidade em face dos acontecimentos, a frustração inerente a questões insuperáveis de longo prazo. Há uma intensificação da experiência de solidão.

Há três etapas de "Queimados": exaustão física, psicológica e espiritual. Nestas diferentes etapas existe respectivamente falta de energia física, depressão e falta de fé e es-

perança. Nesta situação, o religioso precisa de ajuda. Uma possibilidade está, entre outras formas de ajuda, no orientador espiritual que pode guiar, sugerir, escutar e encorajar. Este orientador ajudará a pessoa a criar para si, uma alta aceitação da ambigüidade de certas situações. O discernimento tem que ser reconhecido como uma habilidade primária e um dom que permite descobrir uma clareza dentro da ambigüidade. A pessoa precisa de ajuda para adquirir "a habilidade para abraçar erros, isto é, manter a esperança e zelo em face da inevitabilidade de fracassos". Também a humildade da "instrumentalidade" é uma ajuda na recuperação da energia espiritual. Somos instrumentos nas mãos de Deus, e não somos messias. Muitos religiosos têm que desenvolver uma ascese de tempo como uma segurança contra o ativismo. Em todos estes elementos de crescimento pessoal o orientador espiritual pode ser um apoio, um instrumento eficaz.

### **Missão da Igreja**

A Igreja é o Sacramento de Cristo. Sua Missão vem de Cristo e sua Missão é Cristo. Toda espiritualidade tem que ser eclesial — tem que incluir a missão da Igreja. Cada cristão deve conhecer a missão de Cristo, pela Igreja, nas suas dimensões exigidas pela realidade de hoje. Crescer na vida no/e do Espírito hoje, é um crescimento no desempenho desta missão.

A própria Igreja delinea as exigências da espiritualidade — a vivência do Evangelho — hoje. "A

transformação profunda e rápida das coisas pede, com mais urgência, que ninguém, desatento ao curso dos acontecimentos ou entorpecido pela inércia, se contente com uma ética meramente individualista" (GS. 30).

Esta exortação é fundada na missão da Igreja. "O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da Humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos" (Is 45).

O centro da missão é Cristo e nós fomos chamados a trabalhar sob o Senhorio de Cristo. "Vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana" com a qual cooperamos para "reunir todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra".

Esta missão hoje é expressa em termos de justiça pelo Sínodo dos Bispos em 1971: "A missão de pregar o Evangelho requer, nos tempos que correm, que nos comprometamos em ordem à libertação integral do homem, já, desde agora, na sua existência terrena".

"A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo, aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja, em prol da redenção e da libertação do gênero humano de todas as situações opressivas".

Nossa missão é trabalhar para a justiça, trabalhar pela libertação nes-

ta vida, trabalhar sob o Senhorio do Cristo para estabelecer Seu Reino, na terra. Esta missão é mesmo a opção que a Igreja, e conseqüentemente os religiosos, da América Latina, têm feito pelos pobres.

## **Espiritualidade da Libertação**

A "espiritualidade cristã deve responder a esta missão e mandato central e universal".

Pe. Peter Henriot, SJ, sugere que qualquer espiritualidade "cristã", hoje, deve ser uma espiritualidade de Libertação. Citando as palavras do Sínodo diz: "Se a espiritualidade cristã está enraizada no Evangelho, então obviamente não pode ignorar uma **dimensão constituinte** daquele Evangelho se quer ser autêntica". A conseqüência de qualquer renovação espiritual cristã, então, é um compromisso com o processo de ação para a justiça social. E este compromisso não é somente uma conseqüência de crescimento na espiritualidade verdadeira, mas é simultânea ao próprio processo de crescimento.

Esta espiritualidade da libertação, se tiver em vista que o Cristo resuscitado está trabalhando na totalidade da história, levando o desabrochar na transformação final na vida pessoal dos homens e na vida do homem na sociedade e no mundo, sublinha a inseparabilidade intrínseca da tríplice dimensão pessoal, social e cósmica da salvação.

Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, numa palestra no Encon-

tro dos Noviciados e Junioratos Intercongregacionais da Conferência dos Religiosos do Brasil, falando sobre "A Formação Para a Inserção na Realidade", tratou destas dimensões. A verdadeira inserção exige uma compreensão e inserção na totalidade da realidade — a realidade do "Eu" da própria pessoa, a realidade de Deus, a realidade dos homens, do outro e a realidade do mundo. Uma espiritualidade da libertação deve ser a vivência evangélica dessas realidades, e isso exigiria a necessidade de identificação de si próprio; a liberdade interior; uma direção-na-vida; fé profunda vivida em resposta ao Amor de Deus manifestado na constante procura da Sua Vontade pelo discernimento, iluminada e apoiada pela oração; amor ao próximo, o outro, concretizado no serviço; aceitação e respeito para com a dignidade de sua filiação do Pai e tornando-o nosso irmão; compreensão e engajamento na construção de um mundo justo e pacífico num trabalho de fé pela justiça.

Esta espiritualidade terá vários elementos de Oração contemplativa que com a pessoa de Jesus na oração, mas que leva ao encontro da pessoa de Jesus em nosso irmão.

A convicção da atualidade da Morte e Ressurreição de Cristo chama a pessoa a morrer para si mesma, com a confiança de que cada morte leva à Ressurreição. Um esforço esperançoso de viver a verdadeira Fraternidade que considera todos os homens como irmãos. Uma pobreza que nos faz impotentes, a não ser com o poder de Deus.

## Orientação Espiritual e Realidade

Como qualquer tipo de ajuda para o crescimento espiritual, a orientação espiritual deve considerar os elementos desta espiritualidade cristã de hoje, como essenciais para o crescimento espiritual.

O orientador precisa ter em mente todas as dimensões da pessoa. Ele precisa ajudar o orientando, pouco a pouco, a se questionar sobre sua própria realidade, a de Deus, a do outro e a um confronto de sua vida cristã com a realidade do mundo. A orientação espiritual que se limita a um bate-papo, desligado da realidade, contradiz seu nome e finalidade.

Por isso as reflexões sobre a oração da pessoa, o discernimento, a liberdade interior, a visão-de-fé da realidade, a imagem de Deus, são importantes. Se o tempo passa sem que a pessoa toque no seu relacionamento com os outros, e sua preocupação ou não-preocupação com a situação do mundo, o orientador deve incentivar o tratamento destes assuntos.

## CONCLUSÃO

A Orientação Espiritual é um dos meios de ajuda para o crescimento espiritual. É um meio útil e, às vezes, necessário. É um apostolado, um ministério que participa da missão diretiva da Igreja, "instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG. 1).

Há necessidade de ministros competentes servirem os seus irmãos, para que sejam "corroborados em virtude, segundo o homem interior, pelo seu Espírito, e que Cristo habite pela fé" nos seus corações, "de sorte que, arraigados e fundados na caridade", possam "compreender, com todos os santos, qual seja a largura e o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo, para com os homens; e conhecer também aquele amor de Cristo, que excede toda a ciência, para que sejam "cheios de toda a plenitude dos dons de Deus" (Ef. 3,16-19).

## NOTAS :

1. Van Kaam, Adrian, CSSp. "Dynamics of Self — Direction," Dimension Books, Denville, N. Jersey, 1976.
2. MILLA, Carmelo Perey, Pe. — "Direzione Spirituale, Amicizia in Cristo." Pontificio Instituto Di Spiritualità, Teresianum, Roma, 1975. pág. 2.
3. ISABELL, Damen, OFM, Frei — "The Spiritual Director — A Practical Guide," Franciscan Herald Press. Chicago, 111, USA — 1975 pp. 23-26.
4. CHICAGO STUDIES — "Spiritual Life Handbook," vol. 15 n.º 1, 1976 "The Contemporary Ministry of Spiritual Direction" — Schneider, Sandra M, I.H.M. — pág. 123.
5. STUDIES OF JESUIT SPIRITUALITY — "On Spiritual Direction", vol. VI, Mar 1972, n.º 2 Págs. 41-42.
6. COWAN, MARION, CSJ — "Spiritual Direction" — Anotações de aula em "The Institute of Religious Formation," ST. LOUIS, MISSOURI, 1975.
7. Ducharme, Alfredo, S.J. — "Spiritual Discernment and Community Deliberation" — Canadian Religious Conference, 1974, pág. 33 — 36.
8. CONNOLLY, WILLIAN, S.J. "Contemporary Spiritual Direction — Scope and Principles. An Introductory Essay," pág. 108.
9. COWAN. Loc. cit. "Dictionnaire de Spiritualité" n.º 4 — pág. 1183 — 1191.
10. CONNOLLY — Loc. cit.
11. CONNOLLY — Loc. cit.

# O COMPROMISSO DO RELIGIOSO NA IGREJA PARTICULAR DA AMÉRICA LATINA A PARTIR DA OPÇÃO PELOS EMPOBRECIDOS \*

Rogério I. de Almeida Cunha, SDB

Belo Horizonte — MG

## 1. Igreja Particular e Vida Religiosa

O compromisso do religioso é um compromisso radical com o Reino de Deus que se encarna na Igreja (P 1148; 733-735). Este compromisso se concretiza na Igreja Particular ubi-cada e temporalizada, na qual se encontra com a Igreja Universal. Entretanto, a mesma radicalidade profética de seu compromisso e seguimento de Jesus Cristo a fazem ultrapassar os limites históricos da Igreja visível, enquanto tem o papel de antecipador da parusia, iniciador do Reino, visibilizador dos anseios que o Espírito suscita no coração dos pobres.

A Igreja Particular é a encarnação da Igreja Universal nos problemas e na linguagem de uma comunidade determinada. Assim a VR é um dos sinais que vêm unir o particular ao escatológico. É um sinal humano, organizado ainda que profético, intencionado ainda que não farisaico, histórico porque nela o Reino se faz comunidade visível, a salvação se

faz homem, a filiação divina se faz libertação concreta e vivência da dignidade divina dos homens.

De uma maneira concreta, a VR se realiza segundo o chamado "carisma fundacional". Este carisma se refere à maneira peculiar e característica como o Fundador de um Instituto realizou sua tríplice experiência de contemplação de Deus, de vida em comunidade fraterna e de missão entre os homens. O carisma fundacional é o conjunto de qualidades características que distinguem a maneira como o fundador seguiu a Cristo, construiu o seu seguimento a Jesus.

O carisma não é, entretanto, simplesmente uma característica distintiva. Nele se radicam uma porção de tradições peculiares, segundo as quais o ritmo e desenvolvimento do instituto se aceleram ou se retardam, tomam uma direção ou outra. O que o Fundador costumava fazer, dizer, como se comportava em determinadas ocasiões, passa a orientar as atitudes e costumes pelos

quais o religioso se sente o que é. Pouco a pouco os institutos vão acumulando todo um acervo de conhecimentos sistematizados acerca deste comportamento oral e institucionalmente transmitido, cultivado através de festas, de práticas piedosas, de preferências temáticas e humanas.

O carisma fundacional é, assim, algo mais profundo que uma característica e conjunto de tradições. Ele é a identidade mesma do Instituto, a maneira como um Instituto se compreende, o fundamento de sua segurança e coesão, o critério segundo o qual um Instituto de VR se impõe e se faz respeitar e reconhecer. Por força deste carisma sabe-se com certeza quem pertence ao Instituto, quem tem o "espírito" do Fundador, quem não pertence ou "perdeu" o espírito. Segundo este carisma o Instituto se compreende a si mesmo e ao mundo, realiza a sua experiência comunitária de Deus e a sua missão.

Por estas razões, o falar do "carisma fundacional" não é um tema entre outros, mas atinge o que os Institutos têm de mais profundo. Falar criticamente do "carisma fundacional", mesmo reconhecendo-o como um dom do Espírito, inclui o risco de suscitar fortes bloqueios e invencíveis oposições. A razão disto é justa e compreensível: criticam-se os fundamentos mesmos do Instituto. Entretanto, parece que a literatura corrente sobre o assunto, assim como a prática existencial dos Institutos, reflete uma concepção de carisma que se reduz a esta compreensão, ou a considera como princi-

pal. Parece-me natural que esta literatura não apenas seja abundante, mas que tenha duas características marcantes: muito freqüentemente são escritos de ocasião, através dos quais os superiores procuram, corrigindo desvios ou prevenindo riscos, defender a integridade, a segurança, o reconhecimento, a identidade mesma do Instituto. Por outra parte, supõem, sem mais, que o termo "carisma" corresponda a uma realidade intocável, concretamente definida, capaz de suportar tudo o que se oponha à tríplice experiência do Instituto. O carisma parece ter um valor próprio, uma consistência autônoma, que confere capacidade de dar valor a outras características do Instituto.

Diante desta concepção de carisma, vivida e observada na prática religiosa de Institutos de "vida ativa", parece-me necessário formular uma interrogação crítica e uma hipótese re-interpretativa do carisma.

## **2. As congregações não TÊM, mas SÃO um carisma da Igreja Universal (IU)**

A pergunta que temos a fazer se refere ao conceito de carisma. A palavra tem origens bíblicas e se refere a uma ação do Espírito que tem finalidade a salvação em Cristo. Sendo uma ação do Espírito, depende unicamente de sua iniciativa e não pode ser provocada por atividade humana, nem mesmo pela ação institucional dos sacramentos. Sua intenção e efeito é a edificação do Corpo de Cristo, seja através da santificação do sujeito que recebe o ca-

risma, seja independentemente dela. Por isto se manifesta seja em fenômenos particulares, isolados, seja em milagrosa abundância, contínua renovação ou vitalidade particularmente vitoriosa. Como tal, o carisma ultrapassa a força humana, pois, sendo obra do Espírito, é testemunho vivo e perene da origem divina do cristianismo e da Igreja. Os carismas defendem assim a Igreja diante dos ataques das "forças e potestades" do mundo e do inferno.

Aplicado à vida religiosa de Institutos em que se organiza uma certa maneira dinâmica de experienciar Deus, no próximo e no mundo humano, o conceito de carisma adquire tonalidades próprias. Primeiramente, a vida religiosa institucionalizada — os monges — nasce como um carisma do corpo total da Igreja. Uma vez desfeita a primitiva e ingênua unidade entre "carisma" e "autoridade" ou "ofício", nasce na Igreja um organismo, no qual os carismas se desenvolvem livremente. Isto significa já uma "institucionalização": separaram-se dois campos, um no qual vigora a ordem preestabelecida pelas regras impostas com autoridade, outro no qual se desenvolvem as manifestações do Espírito. Além disto, certos "carismas" se tornam ofícios: exorcistas, leitores, etc. Por outra parte, os mesmos carismas, dos quais nasceram Institutos Religiosos, se tornam "regras", constituições, regulamentos, ou seja, instituições.

Ainda assim o Espírito sopra onde quer e enquanto quer, criando, fazendo nova a face da terra, fazendo novas identidades, explodindo li-

mites, destruindo falsas seguranças, derrubando reconhecimentos e domínios. Nesta linha, o carisma é irmão gêmeo da profecia (veja 1 Cor 12,10.18ss; 13,2s; 14,1s; 1 Tess 5,20; Rom 12,6; Ef 4,11; Atos 19,6).

Perante o conceito bíblico, perante o processo de institucionalização seja do "campo de livre exercício de carismas" — os Institutos de vida religiosa —, seja do exercício mesmo de comportamentos carismáticos dentro e fora de Institutos religiosos; perante a absoluta liberdade do Espírito, no espaço como na duração de sua atividade dinamizante, como perante o aspecto crítico da profecia, podemos fazer uma pergunta relativamente incômoda...

Alguns carismas tornaram-se um ofício. Inversamente, procura-se com freqüência legitimar certos ofícios ou profissões considerando-os carismas. Diz-se que uma pessoa tem carisma de ser operário, outro economo, jardineiro, professor, porteiro... Além disto, a Igreja como as organizações particulares da Vida Religiosa, procuram estilizar e fazer duradoura uma atitude considerada carismática. Por outra parte, o exercício destes ofícios, como a obediência, aplicação do regulamento ou das regras do Instituto, tem como finalidade criar tais atitudes, ou seja, de uma maneira ou outra, suscitar o carisma, ainda que se saiba teoricamente que o carisma não depende da atividade humana, nem mesmo da atividade institucional dos sacramentos.

Então, se continuamos usando simplesmente o conceito de caris-

ma, não estaremos empregando um conceito ambíguo e além disto anterior ao aparecimento das ciências sociais e do comportamento? As ciências sociais detectam o processo de institucionalização, como a tentativa de criação de carismas. As ciências do comportamento nos ensinam que certos carismas são às vezes frutos de dinamismos psíquicos, como o *trânsfer*, agressividade, sublimação, fuga, identificação. Ou temos que negar às ciências (e à própria racionalidade) o direito de desmascarar como naturais certos fenômenos que queremos — talvez precisamos — que sejam a todo custo sobrenaturais? Parece-me um retrocesso no desenvolvimento da mente humana, a tentativa de voltar a conservar posições que suscitam os desafios da razão analítica, mas não lhes resistem.

A pergunta, numa formulação mais simples é então:

— de que falamos, realmente quando falamos de “*carisma fundacional*”?,

principalmente se falamos deste *carisma* com a intenção e a finalidade de defender e legitimar a uma Congregação e a seus desenvolvimentos históricos, ou de apresentar e perpetuar como missão *carismática* uma tarefa histórica?

Se é próprio da profecia rebelar-se contra a opressão e o domínio das estruturas, até que ponto se poderia supor que a profecia e a crítica profética, portanto o *carisma*, seja institucionalizável?

A raiz desta pergunta estão duas razões.

A primeira é histórica. Nos últimos anos chamou-se a atenção para um fato quase banal. Na juventude da minha geração os jovens foram rebeldes, inovadores freitados pela ciência e sabedoria dos bem-pensantes superiores. Hoje, é necessário muitas vezes que professores e superiores, preocupados com o crescimento da consciência crítica, fiquem empurrando os jovens, meio céticos, meio apáticos. Se a nossa formação foi — vista com os olhos de hoje — profunda, sincera e genuinamente conservadora, por que razão muitos frutos desta formação não apenas são “*progressistas*”, mas se desenvolveram de maneira totalmente ignorada pelos formadores? Certamente, se tivessem sabido deste resultado, não o teriam aceito, como por vezes não o aceitam ao vir a conhecê-lo. Então, que serão os jovens, aos quais tentamos transmitir o melhor que temos, nossa vontade de ver a Igreja correndo em direção ao Senhor, empurrando os homens a que apressem o “*dia do Senhor*” — *maranatha...!...?*

Não o digo como crítica aos jovens, mas como auto-crítica. Não me refiro nem a jovens “*conservadores*” ou “*apáticos*”, nem muito menos a meus bons superiores. Quero apontar para algo mais profundo: o resultado histórico de nossas ações conscientes e eficazes não coincide com nossas intenções explicitadas ou finalidades pessoais. O que resulta de nossa atividade pastoral e religiosa — de nossa atividade humana

como tal — ultrapassa o que fazemos e é até mesmo contrário ao que miramos. Por quê? Há, certamente, um aspecto de dialética do atuar humano. Entretanto, falando de fé e religião, parece-me que se pode aprofundar a questão. Todos nós tivemos, em alguma época da vida, superiores e formadores profundamente santos e bíblicamente sábios. Em sua santidade e sabedoria nos ensinaram coisas nas quais não cremos de maneira absoluta, ou das quais discordamos redondamente, e que procuramos até desmontar, ou pelo menos superar em nossa vida. Entretanto, a santidade e sabedoria que se revelou e desenvolveu no fato de ensiná-las ficou de maneira ou outra profundamente arraigada em nosso coração religioso. Fazem parte de nossa experiência de Deus, do irmão e do próximo. O conteúdo ensinado e por eles defendido serviu de veículo e caiu como casca. O carisma ficou como semente que cai na terra, morre e produz frutos, cem por um... Ou não foi um carisma assim que converteu o conservador Oscar Romero que se pôs à escuta dos clamores do povo?

A segunda razão da pergunta feita acima é mais teórica: os Institutos de Vida Religiosa são organizações nas quais se procura viver e transmitir a tríplice experiência de Deus, do irmão, do próximo no mundo. Eles o fazem através da consagração estilizada nos três "votos": de pobreza, ou seja, de não possuir nada, a não ser em referência a Deus; de castidade, ou seja, de amar profunda e respeitosa ao irmão de carne e osso, imagem e seme-

lhança de Deus; de obediência, ou seja, de saber ouvir a voz de Deus no "advento", de sentir que Deus "vem" nos fatos da história humana. Fundamentalmente, se trata de uma tríplice experiência "carismática" que se procura transmitir, tornar visível e visivelmente eficaz perante a edificação do corpo da Igreja. Ora, uma experiência de vida é incomunicável. Ela o é na medida na qual é humana e vivencial, na qual atinge profundamente a vida de um indivíduo ou de um grupo humano. O que existe é, ao invés, a possibilidade de induzir a vibração produzida por esta experiência. Quando falo e procuro transmitir uma experiência, o meu ouvinte, o interlocutor, viverá a experiência da comoção ou da vibração produzida pela minha tentativa de comunicação. Esta experiência é nova, é diferente da que eu procuro transmitir. É uma experiência original e primigênia em si, tanto quanto a outra, ou talvez mais ainda. Ela pode, além disto, provocar a procura da experiência sugerida pela minha comunicação. Daí brota o desejo de copiar uma experiência, repetindo gestos, ritos, tradições, narrações, ensinamentos... Daí a frustração de que uma cópia não corresponde, não reproduz simplesmente o original. Nada mais necessário que resignar-nos a sermos criadores, não reprodutores! Toda reprodução de experiência é uma criação, uma nova criação! Somos condenados à originalidade, à criatividade, fora da qual reina a morte! Em conclusão, não é o que dizemos que forma, mas o que fazemos experimentar: não se trata de transmitir algo, mas de ser aber-

tura para que o Espírito passe e crie o que quiser, onde quiser.

## **2. Missão como seguimento a Jesus Cristo na Igreja Particular. (I P)**

A partir desta pergunta posso formular a minha hipótese de reinterpretação do "carisma fundacional" perante o fato maior da América Latina: a irrupção histórica dos pobres.

O coração do carisma é a edificação do Corpo de Cristo, a qual consiste principalmente no seguimento de Cristo, ao qual todos os cristãos são chamados e que os religiosos se comprometem a realizar radicalmente. O critério de autenticidade deste seguimento de Jesus Cristo, como da edificação do Corpo de Cristo é o serviço realista (de que fala Puebla n.º 1153 ss) ao pobre (Mat. 25, 31 ss). O carisma de uma Congregação — o carisma que ela imprime no rosto virginal da Igreja — é sua maneira peculiar, tradicional, identificante, de concretizar seu seguimento radical de Cristo. E como é que ela o faz? Fundamentalmente, ela intenciona e procura reproduzir a experiência original do Fundador, estilizando comportamentos religiosos, pedagógicos, jurídicos, culturais, fazendo deles tradições através das quais se quer transmitir uma experiência de Deus. Para isto, os superiores — os que exercem o ofício da autoridade — se referem o mais explícita e freqüentemente possível aos feitos do Fundador. Eles desenvolvem assim uma memória da Congregação, a qual serve de regra para medir a autenticidade do que se faz

hoje, perante o que foi feito e intentado pelo Fundador. Esta memória se articula em narrações a respeito do fundador e de seus primeiros colaboradores. Tal memória narrativa se faz então, crítica perante os desvios das gerações posteriores.

Como então re-interpretar o carisma fundacional das Congregações — aliás, como e até que ponto se pode falar assim genericamente de carisma fundacional?

O discurso atual sobre carisma, na maioria dos casos, ainda não leva em consideração a emergência da subjetividade, assumida pela Igreja no Vaticano II, nem muito menos a irrupção do pobre como o novo sujeito social da história. Privilegia-se a intimidade da experiência de Deus ou, quando muito, a organização da vida fraterna em comunidade, deixando à missão o caráter de decorrência, de efeito, reduzindo-a a elemento secundário e não performativo do carisma, da mesma maneira como a pastoral é considerada como uma ampliação ou aplicação da teologia dogmática. Mesmo que se acenue a missão do Fundador a ponto de se empregarem as palavras carisma e missão com o mesmo sentido, a missão é vista a partir de dentro do Instituto, como um elemento constitutivo da Congregação. Os membros são chamados a cumprir a missão porque é "carisma do Instituto", não porque é necessidade da Igreja ou exigência do Reino de Deus.

O que acontece se examinamos a missão a partir do âmbito bem mais amplo da Igreja? Que acontece se

olhamos as experiências do irmão, em comunidade, e de Deus, a partir do ponto de vista da missão no mundo? Que acontece se ao momento necessário e legítimo da explicação interna, acrescentamos o esforço de compreensão a partir do contexto mais amplo da Igreja e da sociedade histórica?

Um primeiro elemento da hipótese é então, que o carisma fundacional não está em uma experiência de Deus, da qual nasce uma maneira de viver com os irmãos e de sair depois, com eles, a missionar. Inversamente: a experiência de Deus nasce de que o religioso não se considera amigo de Deus por título ou experiência especial sua ou do Instituto, mas "abandona tudo o que era seu" e toma a natureza de servo, assumindo em tudo sua condição, humilhando-se na obediência até as últimas consequências (Fil. 2,5-7). Assim como a ressuscitante experiência do Pai se deu em Jesus Cristo, pela sua "kénosis", assim a experiência de Deus nasce no religioso — o cristão radical — por seu seguimento a Cristo, que reproduz em si mesmo os sentimentos de Jesus.

Este seguimento, entendido como missão, gera a experiência de Deus, e, conseqüentemente, a maneira de organizar a convivência com os irmãos. Por outra parte, assim como a ressurreição dá à kénosis o selo de autenticidade, assim só a experiência de Deus autentifica, ainda que a posteriori, a missão, e unicamente nesta é que se concretiza.

O seguimento a Cristo não se especifica por minha maneira de seguir, mas por Cristo, a quem eu sigo. Seu caminho não se identifica nem especifica por minhas qualidades psicológicas ou psicossociais, mas pelo caminho e pelas veredas de sua kénosis feita história da sociedade humana.

O carisma fundacional já não é, então, a não ser como efeito, a maneira característica de um santo ou grupo de santos. Radicalmente é o fato mesmo de que o Fundador tenha ouvido a palavra, a voz de Deus, do Deus que vem no acontecer humano e se manifesta no pobre. O acento recai não tanto na narração da maneira de ouvir a voz de Deus, mas no fato de ouvi-la, de ouvi-la nos pobres. Cresce, além disto, a necessidade de perceber que cada um terá sua maneira própria de reproduzir até mesmo a narração. A memória do carisma fundacional se torna crítica, não tanto por força de características pessoal-individuais, mas como decorrência do caráter histórico do chamado ao seguimento, em decorrência do caminho que se cria e se percorre, em decorrência do deserto no qual fala e gesticula o profeta. Disse João Paulo II, em sua visita a Porto Alegre, que o cristianismo não é uma doutrina que se ensina, mas uma mensagem que se transmite. Faz parte da mensagem, continua o Papa, a resposta que lhe é dada!

Se a resposta dos religiosos é uma radicalização evangélica do seguimento a Jesus, então o carisma distintivo da Congregação inclui não

apenas, nem mesmo principalmente, os caracteres próprios do Fundador ou da comunidade "primitiva", mas leva impressos os traços do **chamamento concreto e historizado**, assim como a **resposta** que o povo de Deus dá à mensagem transmitida através da ação do Instituto. "Quem dizem os homens que eu sou? — Pelo menos um profeta!... — E vocês, quem é que vocês dizem que eu sou? — Tu és o Cristo, o Messias, o Filho de Deus que caminha conosco!" A pergunta de Jesus não se segue a um sermão, mas aparece, em Mateus, depois de Jesus ter recordado aos discípulos o fato de alimentar cinco mil homens e o cuidado com a doutrina dos fariseus. Em Marcos, precede à cura de um cego e à mesma admoestação quanto aos fariseus. Em Lucas, a pergunta de Jesus se segue diretamente à alimentação dos cinco mil. Uma vez, a pergunta foi feita em sentido inverso. Os discípulos do Batista perguntam a Jesus quem ele é. A sua resposta não é nenhuma auto-identificação, mas: "Vão e digam a João o que vocês estão vendo e ouvindo. Contem a ele que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e os pobres se alegram com a mensagem da salvação. Feliz de quem não se desilude comigo" (cfr. Mt 11,4-6). À mensagem enviada a João segue-se um longo sermão sobre o que João fazia (ver Mt 16, 1 ss; Mc 8,27 ss; Lc 9,18 ss). Teoricamente se pode compreender esta atitude segundo uma preocupação bastante clara: trata-se de "tudo o que Jesus fez e ensinou desde o princípio" (Atos 1, 1 ss). Ao dizer

se antepõe a fazer; ao pregar, o atuar.

Quando Jesus perguntou aos discípulos quem pensavam que ele era, **eles lhe responderam dizendo o que ele era**, no parecer do povo, como na sua própria visão. Quando perguntaram a Jesus quem ele era, **ele respondeu mostrando o que fazia**. Mais. À pergunta de João, Jesus não respondeu com o comentário feito depois da confissão de Pedro, mas com as palavras de Isaías sobre a missão do Messias. Quer dizer que a fundação da Igreja não foi para Jesus um fato que o pudesse identificar, mas a resposta divina de confirmação da fé de Pedro, seu testemunho ocular e vivo. O testemunho autêntico não é a verbalização da experiência, mas a narração dos desenvolvimentos da missão.

Eu não quereria confundir aqui "instituição", no sentido teológico da ação divina de fundamentar o corpo da Igreja sobre a fé manifestada por Pedro, com "instituição", no sentido sociológico de estilização e fixação de princípios organizativos e comportamentos e tarefas funcionais. Entretanto, mesmo assim se pode dizer que a instituição (a teológica e, a fortiori, a sociológica) da Igreja não precedeu, mas se seguiu aos fatos que vieram a constituir a identificação pessoal de Jesus Cristo.

Assim, a experiência de Deus e do próximo que nasce da missão evangelicamente radical do Instituto, já não pode ser cabalmente transmitida só através da narração das características pessoais do Fundador

ou de seus primeiros filhos, nem mesmo através de seus feitos institucionalizados: fundação do Instituto, organização de atividades religiosas destinadas ao apostolado...

Então, que critérios procuramos?

Será que isto destrói o carisma fundacional, ou pelo menos atenta realmente à identidade, segurança e reconhecimento dos Institutos de Vida Religiosa? Que justificação real terão os bloqueios e agressividades suscitadas por esta pergunta?

Parece-me poder completar a hipótese e formulá-la assim definitivamente fazendo uma proposta bastante clara. Que não falemos mais de "carisma fundacional", mas de "carisma eclesial do Fundador". Essa designação tem três vantagens teológicas porque radicalmente evangélicas. Em primeiro lugar, não chama à atenção o Fundador enquanto personagem, ainda que santo, mas a Igreja de Cristo que deu santidade ao Fundador e recebeu dele a resposta de edificação do Corpo de Cristo. Em segundo lugar, valoriza muito mais o carisma enquanto tal, pois ele já não é só nem principalmente distintivo de uma pessoa individual ou coletiva, mas quer dizer que cada Instituto de Vida Religiosa consagrada constitui um carisma da Igreja. Fazendo hoje uma lista de carismas da Igreja São Paulo teria podido fazer a listagem das Congregações e Ordens religiosas... ou seja, uma Congregação não apenas tem um carisma seu próprio, mas se trata de muito mais que isto: ela é um carisma da Igreja. Finalmente, se

chama a atenção ao **fato** do seguimento a Jesus Cristo, colocando-o na concreticidade da maneira como o Fundador o fez e o transmitiu. A maneira é, pois, essencial, mas é uma função do fato, a partir do qual recebe seu valor evangélico, sua qualidade de carisma, profecia e anúncio do Reino. Este fato tem que ser compreendido historicamente, portanto de maneira diversificada segundo os contextos amplos e próximos da história.

Em conclusão, parece-me poder retomar os quatro elementos analisados:

— A experiência de Deus e do irmão nasce da **missão** como kénosis.

— A missão do Instituto não é nem a institucionalização de uma maneira de transmitir a experiência da qual brotou como Congregação, nem a narração, mesmo que crítica, do carisma distintivo do Fundador, mas a sua maneira de realizar o **seguimento** a Cristo, de andar com os coxos, ver com os cegos, libertar a todos com os oprimidos, alegrar-se com os pobres por causa da justiça.

— Esta experiência, enquanto experiência do Fundador, é entretanto **transmitida** à primeira geração por convivência, às outras por institucionalização das maneiras de narrá-la e de reproduzir suas características visíveis.

— Assim, o Instituto de vida radicalmente evangélica já não **tem** um carisma próprio que seja sua propriedade, identidade, segurança e

reconhecimento, mas é um carisma. Não é papel das Congregações conquistar, marcar e desenvolver um lugar dentro da Igreja, mas conquistar e marcar um lugar **para** a Igreja no mundo da luta humana. A Congregação Religiosa já não tem uma feição própria, mas é um traço característico da radicalidade evangélica da Igreja historicamente viva, é um traço radicalmente evangélico no rosto histórico da **Igreja que segue a Jesus Cristo** na sua dedicação preferencial aos pobres.

Posso então reduzir a hipótese a quatro palavras: Missão, seguimento, tradição, eclesialidade.

Esta análise do significado do termo carisma já supõe o que se segue. Entretanto, é a partir desta análise que posso falar também do que me parece ser o rosto histórico da Igreja que segue a Jesus em sua dedicação preferencial aos pobres da América Latina.

Não é inútil repetir aqui, que a missão não é definida pelo carisma, mas o carisma é que é definido pela missão que desafia o Instituto como continuação do Fundador. O seguimento não se define pelas características do Fundador ou do Instituto, mas estas só se justificam porque são características de um **seguimento** a Jesus Cristo; não porque transmitem certos traços, mas os cria e recria, tornando-se um membro vivo da Igreja, corpo de Cristo historizado e localizado.

#### 4. Missão da Vida Religiosa na América Latina, à luz da Opção preferencial pelos Pobres (OpP).

O processo fundamental da história latino-americana lança, pois, sobre a Vida Religiosa radicada na Igreja Particular do continente, uma luz incisiva. Ela nos colore o passado e revela as cores do presente, projetando-nos em direção ao caminho futuro. Vale a pena resumir aqui o que se disse da VR em geral, antes de recolhermos os elementos que nos parecem compor a missão concreta de que desejamos falar.

A Missão dos Institutos de VR se desenvolve concretamente numa Igreja Particular, segundo o carisma próprio do Instituto. A IP não é parte nem reflexo de qualquer outra Igreja, mas encarnação local e temporalizada da IU.

O carisma fundacional dos Institutos é um chamado do Espírito à Igreja, para que ela realiza, na IP, em que se encarna o seguimento a Jesus Cristo. A memória crítica das características do Fundador é uma das formas como o Espírito chama o religioso a imprimir na IU os traços de sua maneira de seguir a Jesus pelos caminhos da história particular. As Congregações encarnam, dentro da IP, uma realização, antecipação e visibilização do Reino de Deus entre os homens. O critério de autenticidade do carisma e de fidelidade à resposta inaugurada pelo Fundador é, pois, o seguimento concreto a Jesus Cristo pelos caminhos da História das sociedades.

O processo fundamental, o fato maior da história latino-americana no nosso século é a emergência reprimida do povo como novo sujeito social. Esta emergência do pobre se concretiza aos olhos da Igreja encarnada na América Latina, como opção preferencial pelos pobres. Ela é um chamado à conversão, pois encarna os clamores concretos, delineia as tarefas que compõem a Missão histórica atual. É neste contexto, e à luz da consciência de fé com que nos apercebemos deste fato, que haveremos de compreender e encarnar os carismas que nos foram confiados pelo Espírito.

Penso que poderíamos tentar uma representação gráfica deste quadro, nos seguintes termos:

O âmbito mais abrangente é o da Igreja Universal, sacramento do Reino. Esta procura informar a todas as sociedades, por inteiro, encarnando-se em cada uma como Igreja Particular. Dentro da IP surgem os apelos do Espírito, que clama a partir do fogo que queima e requeima o povo pobre, que entretanto não se deixa consumir, pois é explorado, mas resiste na fé, é crente.

Os apelos do Espírito que clama lá do fundo do coração do pobre, no qual a amarga opressão da sociedade procura manter afogada a justiça, são ouvidos pela Igreja como uma vocação, como chamado a uma missão. Esta missão não é abstrata. Sempre existe missão, mas a cada tempo ela é determinada e concreta, envolve determinadas tarefas. Essas tarefas ("vai ao Faraó;" "parte

para Nínive;" "apresenta-te ao Rei"; "constrói um altar"; "mata os sacerdotes de Baal"; "abençoa o pastor que saiu à procura de jumentas"... ) acabam por imprimir na vida de quem a cumpre, os calos e as cicatrizes que a tornam inesquecível, inegável, fazem dela a marca — o carisma — do dom recebido do Espírito.

A meu ver, é neste momento que surge a VR de maneira específica. O que se disse até agora se refere a toda a Igreja Particular como encarnação da IU. A VR vive tudo isto através de duas atitudes que lhe são próprias e reconhecidamente necessárias, pelo menos constantes na história da VR do Ocidente: a consagração e a vida comum. Isto significa que a missão não é um próprio dos Institutos, mas da Igreja. Dentro dela os Institutos cumprem a missão realizando tarefas ditadas pelas necessidades da sociedade, marcadas pelas características históricas do Instituto. Enquanto respondem às necessidades concretas do Reino que se encarna na sociedade, e se manifesta na Igreja, as tarefas cumprem de fato a missão e deixam marcas que são os carismas. Satisfeitas as necessidades, cumpridas cabalmente as tarefas, a missão exige outras: algumas totalmente diversas; outras em continuação, outras em contraste com as tarefas precedentemente cumpridas. As transformações da sociedade é que chamaram Moisés ora a fazer o trabalho de base de convencer seus irmãos a se unirem e não brigarem, ora a fugir, ora a apresentar-se ao Faraó; um dia chamaram-no a amal-

diçoar o "todo-poderoso", noutro dia o levaram a formar grupos organizados entre seu povo... Mas a missão era uma só: libertar da opressão o povo oprimido e explorado.

Qual é, então, nosso papel na IP latino-americana, diversa por cultura, história e raça, unificada na dor da exploração e da repressão, reunida no esforço de emergência política, cultural e econômica, diversa nas venturas, idêntica nas adversidades, original nas raízes e nos frutos, estandardizada pelos açoites, a coroa de espinhos e a cruz do caminho?...

Por uma série de fatores, a grande maioria dos Institutos Religiosos são chamados hoje a perceberem que não somos pobres com os pobres, mas beneficiários do sistema que os empobrece. O primeiro passo, o primeiro clamor é o da solidariedade. A cada Instituto o Espírito chama concretamente, dentro da história de suas comunidades. Parte desta solidariedade é não apenas lutar lado a lado com os pobres, reconhecendo sua irrupção histórica como sujeitos da libertação; implica também publicar a todo o mundo a denúncia da opressão, assim como o anúncio da esperança que já vem vindo.

Com os pobres (3 entre cada quatro latino-americanos, mas, segundo o dito acima, nós pertencemos ao 4.º, o não-pobre: os ricos), somos membros das mesmas sociedades e Igrejas. Trata-se então de tornar visível da esperança ocultada pela opressão, tornar possível o impossível da libertação reprimida de maneira sem-

pre mais violenta e cínica. Cristo torna possível o que a História torna impossível aos olhos dos homens.

Dentro destas sociedades nós somos "consagrados", comunidades fraternas de homens reservados **por Deus para o Reino**. Nosso papel é então tornar concreta a correção provocada por Deus na História. Se o marginal para a sociedade é centro para Deus, o verdadeiro centro não são os beneficiários — os enriquecidos — mas os pobres. Não é correto ver a nós mesmos, religiosos, no "centro", e olhar para os pobres como estando à margem, marginalizados, a quem temos que levar a verdade e a salvação, os raios do centro teológico da História. Não sem razão reformularam os Bispos da CNBB o objetivo da Ação Pastoral, colocando a verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, como ponto de partida, **iluminado** pela Opção pelos pobres:

"Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação (...) a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da Opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à constituição de uma sociedade justa e fraterna, anunciando assim o Reino definitivo."

Dentro deste objetivo, amplo e geral, nós religiosos, temos nossa maneira própria de tornar concreta a correção provocada por Deus na História: a transformação social, po-

lítica e econômica é, por um lado, o aceleramento do processo de modernização do capitalismo dominante e, por outro lado, a irrupção da emergência popular, recrudescida pela opressão modernizante e pela repressão defensiva dos grupos hegemônicos. Papel da VR é contribuir para desfazer a inversão histórica dos papéis: os preferidos de Deus são os marginalizados da sociedade, a "ordem" social oprime o que Deus liberta. Trata-se de colocar na posição correta o que a história da opressão coloca ao inverso.

A luz da OpP descobrimos nas feições do pobre, os traços do mesmo Cristo. No clamor dos pobres por libertação, se torna audível a voz do Espírito que anseia dolorosamente por uma renovação da fidelidade aos carismas, da radicalidade no seguimento, do serviço aos pobres, da solidariedade com os oprimidos, da comunhão e participação com os prediletos de Deus, cujo potencial evangelizador é encarnação e garantia de que o sujeito social emergente é sacramento histórico da salvação. O seguimento a Jesus Cristo se encarna na radicalidade evangélica da solidariedade com o pobre.

A história econômica, social e política de muitas sociedades inverteu o sentido das tarefas executadas por muitas Congregações Religiosas. Os livros de Samuel e dos Reis mostram que os sucessores de Moisés e de Davi se "inverteram", tornando-se verdadeiros Faraós, até que Deus "desinverteu" as coisas, fazendo-os passar pelo exílio ou por clamorosas derrotas, suscitando homens e mulheres consagradas (colocadas à parte) para alguma tarefa histórica de libertação, denúncia, anúncio, guia, consolo, confirmação...: conversão!

\*) Esse artigo faz parte de uma reflexão mais ampla sobre a "Missão Evangelizadora da Vida Religiosa na Igreja Particular da América Latina," elaborada para a IV Interamericana de Religiosos, que se realizou em Santiago do Chile, em 1980. Outras partes dessa reflexão já foram transformadas em artigos e publicadas: — na revista **Convergência**, n.º 173, Jun. 1984, pág. 284-306, sob o título: "SOLIDARIEDADE CONSAGRADA: PROFECIA LATINO-AMERICANA"; e em **NOSSO BOLETIM**, da CRB Regional de SÃO PAULO, n.º 2 (1984) pág. 3-17, sob o título "A CONVERSÃO DOS RELIGIOSOS".

# COMO A FAMÍLIA INACIANA INTERPRETA E VIVE HOJE O ESPÍRITO DE STO. INÁCIO

## INTRODUÇÃO

Não está sendo fácil para mim, e creio que não o será para a maioria de meus irmãos jesuítas atualmente, exprimir o que se pensa interiormente da vivência do carisma original. Corre-se o risco de falar e escrever por conveniência de aspectos bem ajustados, para causar boa impressão, ou então, para encontrar historicamente uma justificativa de presença e de atuação eclesial.

Mais difícil ainda se torna falar da práxis e vivência desse espírito inicial no seio da Igreja de nossos dias, numa busca de fidelidade à proposta original de Inácio de Loyola. No afã de apresentar uma imagem bem atualizada da ordem, pode-se pecar por omissão ou por excesso, e também ser precipitado nas afirmações.

Bem consciente destas limitações de natureza estrutural é que me proponho desenvolver o tema, como uma contribuição à reflexão dos meus irmãos religiosos que vivem também o desafio comum da resposta atual a propostas seculares diversificadas. Desejo apresentá-lo o mais objetivamente possível, fundamentando-me na reflexão autorizada de Decretos e Orientações das últimas Congregações Gerais dos Jesuítas (1). Con-

tudo, é claro que na dissertação analítica das consequências históricas ou nas interpretações sociológico-culturais estará muito de minhas próprias reflexões e, portanto, serão conclusões de inteira responsabilidade pessoal (2).

É importante situar esta reflexão no momento histórico pós-eleição do último Pe. Geral, da Companhia de Jesus. O leitor estará lembrado de que nós jesuítas vivemos intensamente há uns 4 anos atrás, o conflito Carisma-Instituição, com a intervenção papal, seguida da preparação e realização da última Congregação Geral que elegeu o substituto do renunciante Padre Arrupe. Creio que já se pode julgar historicamente este momento como muito providencial. A Companhia de Jesus, como um Corpo eclesial coeso, procurou interpretar o sinal como um "kairós" de conversão e saiu dele mais despojada e mais disponível à missão universal. Tomo este momento histórico como ponto de partida, e os Decretos e Documentos, especialmente da Congregação Geral XXXIII (3), como referencial das minhas constatações e conclusões, no presente artigo.

Tendo como pano de fundo essa situação histórica, restringirei o horizonte desta colocação à questão

precisa do carisma ou seja, tentarei apresentar como nós jesuítas estamos procurando hoje responder ao projeto espiritual de Inácio de Loyola. Um meu irmão jesuíta, em artigo do n.º 173 desta Revista, já obordou muito bem um tema paralelo, numa linha bem mais ampla de contribuição à Teologia da Vida Religiosa (4).

Assim que, depois desta breve Introdução, pretendo desenvolver o meu pensamento em três tópicos complementares:

1. Espírito inaciano
2. Movimento renovador
3. Proposta e resposta atual

## 1. ESPÍRITO INACIANO

Procuremos entender o espírito inaciano, na sua origem e continuidade, até se chegar a uma definição descritiva do carisma de Inácio de Loyola.

### 1.1. Pincelada Histórica

Falar de espírito inaciano é trazer imediatamente à memória a experiência prolongada de Inácio de Loyola na gruta de Manreza (5), onde o cavaleiro de um Rei temporal, convertia-se em discípulo do Rei eterno, Jesus Cristo (6). Passada esta experiência mística e profunda de conversão pessoal, vemo-lo como peregrino em busca do melhor lugar em que pudesse imitar seu Rei e Senhor. O sonho da Terra Santa, de perene per-

manência, ficou apenas numa piedosa e breve peregrinação aos lugares santos (7). Mais tarde, um Inácio mais amadurecido, reconhecerá que não é um lugar determinado, por mais santo que seja, que vai caracterizar a sua resposta e a de seus amigos, para um seguimento de Jesus. A experiência vivida com seus colegas de quarto, na cosmopolita Paris do séc. XV, abriu-lhe perspectivas de um serviço eclesial muito universal (8).

No conjunto desta recordação histórica podemos situar a experiência fundante dos Exercícios Espirituais, muito relacionada com o que será o projeto da Companhia de Jesus expresso nas duas "Fórmulas do Instituto" (9). É também a mesma experiência de passar pelos mesmos EE. de Santo Inácio, que até hoje funda e dá estabilidade ao projeto e resposta pessoal de cada jesuíta. Nela deverá estar contido o mesmo Espírito que animou o convertido de Loyola a entrar num processo de busca da vontade divina até encontrá-la na mediação da Igreja.

### 1.2. Composição de Traços

As experiências de busca da vontade divina em Inácio, resultam no projeto de um grupo de companheiros e amigos no Senhor, empenhados no serviço da Igreja, sediada em Roma (10). Já há entre eles algo de muito comum, como se viu, fundados numa mesma experiência e impelidos por um mesmo Espírito.

Creio que posso então afirmar que os traços marcantes que configuram

desde então a imagem do Jesuíta, estão contidos nos **Exercícios Espirituais**. Em outras palavras, o espírito inaciano está muito bem caracterizado naquilo que é o resultado de uma busca sincera e sempre atuante por uma identificação pessoal no seguimento de Jesus Cristo.

**Generosidade e grandeza de ânimo** sempre estarão juntas e presentes aí, caracterizando a missão da Companhia de Jesus e do jesuíta. O novo desta missão é sempre resultado de um discernimento pessoal e comunitário, sob a luz dos apelos da Igreja em cada momento histórico. Essa é a componente do "magis", isto é, do "sempre mais" inaciano.

Outro traço na mesma linha da Missão é o da **universalidade**. Aliás, é exigência daquele "sempre mais" inesgotável. Já vimos que Inácio pouco a pouco vai entregando suas energias vitais ao maior número de almas possível e portanto, vai aumentando cada vez mais o raio de sua atividade missionária. Primeiro Prepósito Geral de uma ordem eminentemente clerical e missionária, imprime este impulso universalista já nos primórdios dela (11), os Padres Gerais que o seguiram, souberam conservar este espírito e deixá-lo como sagrada tradição para os posteriores.

Entende-se bem porque a **obediência** é tão importante para o Jesuíta. Ela é uma componente necessária do seu espírito missionário, atitude constante de escuta de Deus nas e pelas suas mediações humanas, a Igreja e os Superiores da ordem. No

livro das Constituições da Companhia se afirmou que "a verdadeira obediência não considera aquele a quem é prestada, mas sim Aquele por quem se obedece; e se se obedece só por nosso Criador e Senhor, é ao mesmo Senhor de todos que se obedece" (12).

### 1.3. Esboço de uma definição

Do exposto acima, creio que já posso apresentar uma definição do que teria sido, na mente do fundador, o **espírito** de sua nova ordem clerical. Falo em termos de esboço, primeiro porque será mais descritiva aquela definição, e também porque, seguindo a mente do nosso pai-fundador, prefiro deixar a imagem inacabada.

Assim, eu diria que o espírito combativo de Inácio de Loyola que emerge da fonte original dos Exercícios Espirituais, tem sua razão de ser profunda no conhecimento e amor da Trindade em Jesus Cristo (13).

Tal amor, levado às últimas consequências de um seguimento mais radical, motiva todo e cada jesuíta em particular, a um cuidado com a santificação e salvação própria e também com a dos próximos. Para isso, Inácio elaborou um projeto de vida e missão comuns, sob a obediência de Prepósitos designados, em lugar do próprio Jesus Cristo. Tudo isto, em vista do bem maior e o mais universal possível, a ser realizado de acordo com os desejos expressos da Santa Mãe Igreja, na pessoa dos Sumos Pontífices. A eles a

Cia. estará perpetuamente ligada por voto especial.

O momento histórico de sérias questões doutrinárias no seio da Igreja do séc. XV, com o movimento da Reforma Protestante eclodindo pela Alemanha e Europa inteira, faz com que o espírito combativo do antigo cavaleiro não deixe de insistir com os companheiros na propagação da fé, servindo-se de todos os meios persuasivos e combativos. Esta "defesa da fé" e tudo o mais que se realizar para o bem do próximo, se fará em muita pobreza e despojamento evangélico (14).

## 2. MOVIMENTO RENOVADOR

Apresento a seguir o esforço de entrada quase imediata da Companhia de Jesus, no processo de renovação religiosa, desencadeado pelo Concílio Vaticano II.

### 2.1. O Espírito impeliu à renovação

Como se percebeu pela descrição dos itens anteriores, fiz um esforço por apresentar o carisma original de Inácio, presente num grupo de companheiros que se propuseram levá-lo em frente, "para a maior glória de Deus" (15).

Sabe-se que há sempre um desgaste natural do carisma religioso no correr dos anos. Ainda mais em se tratando de Institutos que já têm séculos de existência. Estes e as Congregações religiosas em geral, por elas mesmas ou então pressio-

nadas pelo Espírito que sopra às vezes muito forte na Igreja Universal, procuram de tempos em tempos, ver a quantas anda o espírito do Corpo institucional. A dinâmica interna dos Capítulos Gerais tem como uma das finalidades colocar todo um Instituto em revisão de caminhada. Contudo, esta se faz mais energicamente na direção de uma verdadeira **renovação**, quando o apelo vem da Igreja Universal, como aconteceu ultimamente a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Justamente, uma das palavras chaves deste último Concílio foi "Renovação", para expressar um movimento interior de toda a Igreja, em todas as suas camadas e extratos sociais, de volta às fontes mais puras do Evangelho. Era o Espírito de Deus soprando forte e impelindo todas as expressões comunitárias da Igreja para importantes mudanças, embora acidentais, em favor de uma maior transparência estrutural.

### 2.2. Os Institutos se renovam

A Vida Religiosa em geral entrou de cheio neste movimento de profunda busca e de sincera conversão. A Constituição Conciliar "Lumen Gentium" e o Decreto "Perfectae Caritatis" do mesmo Concílio, já haviam motivado para isso, pela sua pública e solene proclamação da dignidade e santidade desta vida no seio da Igreja (16).

Contudo, o Motu Proprio "Ecclesiae Sanctae" com a Instrução da Sagrada Congregação dos Religiosos,

pelos anos de 1966 a 1969, vão apressar mais sua efetivação. Anos mais tarde, em 1971, o próprio Paulo VI fala claramente desta Renovação (17). Todos estes três documentos são o apelo oficial à Renovação, abrindo pistas e traçando metas para o futuro da Vida Religiosa.

O resultado dos últimos já quase 20 anos de intensa busca do genuíno carisma e das tentativas de acomodação dele aos tempos atuais, está patente nas Constituições renovadas de praticamente todas as Ordens e Congregações religiosas. Creio que se pode afirmar que a maior parte delas já receberam a aprovação oficial dos seus textos, por parte da Santa Sé.

### **2.3. Nova Etapa para a S. J.: a XXXI C. G.**

A Ordem de Santo Inácio de Loyola assumiu com muito ardor esse trabalho renovador. Coincidentemente, a XXXI Congregação Geral dos Jesuítas que se reuniu principalmente para eleger um novo Geral, sucessor do falecido Pe. João Batista Jansens, iniciou seus trabalhos em maio de 1965, durante a 4.<sup>a</sup> e última sessão do Vaticano II. Tendo sido eleito o novo Geral Pe. Pedro Arrupe, a Congregação, ao mesmo tempo que se colocou no trabalho de reflexão dos assuntos a serem tratados, pouco a pouco foi vendo que era oportuno uma interrupção dos mesmos em momento histórico tão importante. Em meados de julho de 1965, dava-se esta interrupção, com data

marcada para re-início da Congregação, no mês de setembro do ano seguinte. No intervalo de mais de um ano a Comissão Coordenadora, presidida pelo próprio Pe. Geral, se dedicou ao trabalho de elaborar os temas para o estudo dos Padres congregados da 2.<sup>a</sup> sessão, já em consonância à reflexão conciliar acabada de se concluir com o término solene do Concílio Vaticano II (18).

O providencial, a meu ver, esteve no seguinte: em que nós jesuítas pudemos sofrer internamente, quase de imediato, os impactos conciliares. Tanto que o primeiro Decreto desta Congregação XXXI tem logo na Introdução, uma palavra de incentivo à renovação iniciada pelo Concílio. Textualmente: "Propõe-se (a Companhia de Jesus), por isso, examinar com mais profundidade a sua própria natureza, índole e missão, para se renovar e adaptar a sua vida e ação às exigências da Igreja e às necessidades dos homens de agora, sem deixar de ser fiel à sua vocação" (19).

Resultado dos 5 meses deste profundo re-exame: 56 Decretos, sobre todos os aspectos da vida do Jesuíta, elaborados, aprovados pela Santa Sé, e segundo o Pe. Arrupe, "uma empresa a levar a cabo com a colaboração de todos nós". E Paulo VI, no encerramento desta magna Assembléia histórica, chegou mesmo a falar que inaugurávamos nova época. É oportuno recordar suas palavras: "Com esta invocação ao Espírito Santo queremos de certo modo selar o que neste período tão solícitamente tratastes... como que encerran-

do, no fim deste II Concílio Vaticano, quatro séculos da nova história e como que inaugurando, com uma nova consciência e novos propósitos, um novo período da vida religiosa em que militais" (20).

### 3. PROPOSTA E RESPOSTA ATUAL

Com todos os dados históricos anteriores, chegamos nesta terceira parte, finalmente, ao pensamento nuclear do artigo. Ele se insere na árdua e laboriosa caminhada dos últimos anos da nossa Companhia de Jesus.

#### 3.1. Dez anos se passam: a XXXII CG.

Como para a maior parte das famílias religiosas espalhadas por todo o mundo, não foi sem sofrimentos, lutas e até muitas deficiências que a Companhia de Jesus caminhou nos anos pós-conciliares e, para nós jesuítas concretamente, no pós CG XXXI. No Decreto Introdutório de uma nova Congregação Geral que se inicia em dezembro de 1974, isso é lembrado com certa dor, mas como um dado importante, em vista de uma mais firme superação renovadora (21).

Assim que, o conjunto de Documentos desta Congregação XXXII, não chega nem à metade dos da anterior. O que procurou realizar esta nova Congregação foi uma re-leitura e re-apresentação mais atual e a partir da experiência dos últimos anos, daquilo que já fora expresso na XXXI.<sup>a</sup>, convidando todos os jesuítas

"para progredirem mais no caminho do Senhor" (22).

Sobressaíram e chamaram mais a atenção 3 documentos que procuraram apresentar uma resposta da Companhia aos desafios de então: a Declaração "O jesuíta hoje", e os Decretos: "A nossa missão hoje — diaconia da fé e promoção de justiça" (Dec. 4); "Para que a nossa pobreza se torne mais autêntica" (Dec. 12). A Conclusão da Declaração queria ser a identificação nova do jesuíta: "Hoje o jesuíta é um homem cuja missão é **dedicar-se inteiramente ao serviço da fé e à promoção da Justiça** numa comunhão de vida, de trabalho e de sacrifício com os companheiros alistados em torno da mesma bandeira da Cruz, e na fidelidade ao Vigário de Cristo, para a construção de um mundo ao mesmo tempo mais humano e mais divino" (23).

Pode-se dizer que esta imagem nova foi diversamente esculpida na face e no coração dos Jesuítas nas últimas décadas, segundo as inevitáveis diferenças de gerações. Por isso mesmo o Pe. Arrupe não nos deixou sossegados em nossa maneira muitas vezes subjetiva de dar interpretações aos Decretos da XXXII CG. Através de Cartas aos Superiores ou à Companhia toda, bem como através de suas muitas alocuções em reuniões especializadas de Jesuítas, procurou sempre dar a interpretação exata, incentivando ao mesmo tempo à prática renovada do nosso compromisso religioso (24).

### 3.2. O desafio atual de uma proposta: a XXXIII CG.

Creio que posso afirmar que, desde aquele momento em que o Pe. Arrupe, em 1980, teve a idéia de pedir a renúncia ao cargo de Geral, a Companhia toda experimentou um novo desafio amoroso do próprio Deus. Como eu já lembrava na Introdução, passamos por um longo momento de purificação, sob a intervenção papal, e que resultou numa profícua e eficaz preparação para uma nova Congregação Geral.

Esta, de número XXXIII, teve uma abertura das mais solenes. Coisa nunca antes acontecida, o Papa fez questão de concelebrar com os Padres Congregados, a Eucaristia deste 1.º dia Congregacional, 2 de setembro de 1983. Aos 218 Padres Capitulares, o Papa lembrou, durante a sua bela homilia, o duplo objetivo da Congregação: a eleição de um novo Geral, substituto do Pe. Arrupe enfermo, e "a tarefa de estabelecer as orientações, de traçar as normas a serem seguidas nos próximos anos para que seja cada vez melhor posto em prática, nas particulares circunstâncias do momento presente, o ideal da Companhia, descrito na fórmula do nosso Instituto: Combater por Deus sob a bandeira da cruz e servir só a Cristo Senhor e a Igreja sua esposa, submisso ao Romano Pontífice Vigário de Cristo na terra" (Carta Apost. Exposcit debitum, 21 de julho de 1550) — (25).

Pode-se dizer que a Congregação procurou ser fiel à proposta do Papa, que foi muito claro em dizer que

"contava sempre com a vossa (nossa) fiel colaboração para o bem de todo o povo de Deus...", e explícito em concretizar seu pedido de que "a Companhia contribua eficazmente para a aplicação do Concílio Vaticano II..." (26). Tivemos como resultado, a eleição do novo Geral, Pe. Peter-Hans Kolvenbach acolhida por toda a Companhia, como uma bênção, e 6 Decretos apenas, 5 deles bem pequenos.

A Introdução do único grande Decreto desta última Congregação, "**Companheiros de Jesus enviados ao mundo de hoje**" (27), mostrando a opção de trabalho que tiveram os Padres Congregados, faz questão de precisar que vivíamos o momento alto de uma caminhada. O n.º 2 desta Introdução diz textualmente: "Evocando o período intenso da vida da Igreja e da Companhia, que se seguiu ao Concílio Vaticano II, quise-mos verificar, precisar e confirmar as orientações dadas pelas CC. GG. XXI e XXII, à luz da doutrina da Igreja, das recomendações que nos dirigiram os últimos de nossos Companheiros". E mais adiante, no n.º 4: "Cremos que hoje é mais necessário pôr em prática as determinações anteriores do que produzir longas declarações ou novos decretos..." (28).

A Igreja, na pessoa do Papa João Paulo II, levantou o brado de uma proposta bem clara: voltar àquilo que é o mais original de nosso carisma, ou seja, ao conteúdo existencial da fórmula do Instituto. A Congregação última respondeu à proposta, conclamando todos os jesuítas para começarem a viver mais seria-

mente o ideal expresso sinteticamente na fórmula e retomada em pormenores nas Constituições, com a atualização já expressa pelas duas últimas Congregações Gerais. Aliás, houve uma confirmação destas e particularmente da XXXII, na reafirmação de nossa missão atual: **“o serviço da fé, do qual a justiça é exigência absoluta”** (29).

Creio que se pode também agora entender porque, enquanto para a quase maioria dos Institutos de Vida Consagrada, o esforço renovador desembocou em modificações textuais das Constituições, a Companhia de Jesus continuou conservando intacto o texto das Constituições, escritas pelo fundador. Inácio, magistralmente, conferiu ao texto de uma legislação escrita a abertura para o novo. Nela estão os princípios fundamentais para o nosso modo de proceder e que serão atualizados ao longo dos tempos, como respostas a novas necessidades que surgirem. Para nós jesuítas os Decretos das Congregações Gerais são essa atualização. Nosso Santo Pai Inácio acreditou que o mais importante de uma Instituição como a que idealizaria, não era ter um texto jurídico perfeito, mas que as pessoas dentro dela se deixassem conduzir pela Lei do Espírito: **“Da nossa parte, é a lei interior da caridade e do amor, escrita e impressa pelo Espírito Santo nos corações, que há de ajudar para isso, mais que qualquer Constituição exterior...”** (30). Intuição de gênio e de santo: a lei do Espírito conservou a Companhia intacta, no interior dela mesma e também no seu exterior. Malgrado todas as dificuldades e per-

seguições por que tem passado ao longo da história, a Companhia de Jesus procura ser fiel a uma inspiração quatro vezes secular.

### 3.3. A família inaciana hoje

Chegamos ao momento presente. A família inaciana vive o pós-CG XXXIII, a um tempo confirmada e esperançosa. Confirmada pelo Espírito, naquilo que lhe aconteceu na aula congregacional, de muita união de mentes e corações. Esperançosa, pela constatação de uma continuidade, sem retrocessos, no impulso das últimas Congregações Gerais.

Por essa confirmação e nessa esperança, nós Jesuítas nos sentimos agora mais fortalecidos para a nova missão que o Santo Padre nos confiou, fundamentados no espírito de Inácio de Loyola, novamente atualizado. É a resposta renovada a uma nova proposta eclesial.

João Paulo II foi claro em re-situar o desejo expresso da Igreja pós-conciliar sobre nossa missão: **“a Igreja espera hoje da Companhia, que ela contribua eficazmente para a aplicação do Concílio Vaticano II como, no tempo de Santo Inácio e muito depois, ela empregou todos os esforços para dar a conhecer e pôr em prática o Concílio de Trento e para ajudar de maneira notável os Pontífices Romanos no ministério Supremo deles”** (31). Não menos explícita foi sua lembrança da necessidade de uma vida de oração e de mortificação, **“para sermos ao mesmo tempo sinais visíveis dos valores evangélicos”** (32).

Ultimamente, o Padre Geral Kolvenbach, alentou cordialmente todos os Jesuítas, em alocução muito prática e atual, por ocasião do 450.º aniversário dos Votos de Inácio e seus Companheiros em Montmartre (33). Tendo acentuado o pensamento da última C.G. de que "a Eucaristia é o lugar privilegiado onde celebramos nosso enraizamento na experiência de Deus que, por meio de Jesus Cristo nos chama, nos reúne e nos envia" (34), recorda três aspectos também fundamentais do nosso carisma: o discernimento apostólico, o ser companheiros e a gratuidade nos ministérios. E neste último aspecto, acho importante destacar todo este parágrafo muito atual e atuante: "Da mesma maneira que os primeiros companheiros não quiseram estabelecer um projeto de pobreza fechado e fixo, mas optaram pela imitação da gratuidade do ministério do Senhor, a Companhia não pode desanimar-se ou cansar-se de viver, freqüentemente com sofrimento, a tensão que, em nome do Evangelho, **lhe impõe o amor preferencial, mas não exclusivo, dos pobres** e a tensão, que **lhe impõe eucaristicamente, o amor pascal para lutar contra toda pobreza**, a fim de que os homens não vivam só de pão, mas do Pão da Vida" (35).

Estas palavras são hoje o novo e entusiasta apelo de um serviço maior do Jesuíta ao Reino de Deus e na Igreja de nossos dias.

### CONCLUSÃO

Ao final, relançando o olhar sobre aquilo que fui escrevendo, creio que posso chegar a uma afirmação conclusiva.

Fica claro do exposto acima, que não pretendi dar uma resposta exata e definida sobre a maneira de ser e de agir uniformes, da família jesuítica nos nossos dias. Fiz muita questão daquilo que eu chamei de "projeto" de Deus. Portanto, algo que é apresentado ao Jesuíta de hoje, vivendo em situações as mais variadas de culturas, como renovação atualizada do carisma inaciano através da mediação eclesial: os últimos Papas e as últimas Congregações Gerais.

Como todo o projeto, este também, nos anos vindouros ficará diante de nós, Jesuítas, como um ideal de vida a ser conquistado, na variedade de culturas e de mentalidades, e como Companheiros do mesmo Jesus a quem juramos seguir, servindo-O nos mais necessitados.

Por isso, creio que já posso finalmente oferecer uma imagem mais real do que serão nossas comunidades jesuítas, na síntese gráfica a seguir: grupos de homens profundamente devotados à causa do Reino de Cristo, manifestado na Igreja-Hierárquica que os envia a missões variadas e na Igreja-Povo que os acolhe; no exercício da missão recebida, buscarão servir acima de tudo e por todas as formas a **Fé**, promovendo incansavelmente a **JUSTIÇA**, ali onde ela estiver mais vilipendiada; terão sempre como inspiração original o "**Suscipe**" dos Exercícios Espirituais (36) e como meta a maior Glória de Deus.

Santo Inácio pensando e vivendo este ideal no seu tempo, desejou que

o Instituto que Deus lhe inspirara, fosse sempre a "Mínima Companhia de Jesus" (37). Que Deus conserve esta característica de simplicidade, naquilo que hoje, nós jesuítas, desejamos SER na Igreja para o maior bem de muitos.

Pe. Paulo Lisboa, S. J.  
Anchietanum  
R. Apinagés, 2033  
01258 — S. Paulo — SP.

## NOTAS

- (1) — Fundamento-me nas duas últimas Congregações: XXXII (de 1.º de dezembro de 1974 a 7 de março de 1975) e XXXIII (de 02 de setembro a 25 de novembro de 1983). A Congregação Geral para a Companhia de Jesus é, segundo as Constituições da mesma Ordem, a Assembléia máxima dela. Reúne-se com muita frequência e os casos em que a Congregação deverá se reunir estão bem explicitados no Capítulo II.º da VIII.ª Parte das Constituições, n.º 677 a 681. É o correspondente aos Capítulos Gerais das outras Ordens e Congregações religiosas. Para citá-las usarei a sigla C.G.
- (2) — Quero ser bem sincero em dizer que preferi não pedir opinião deste artigo a nenhum outro meu irmão jesuíta, embora o tenha mostrado ao meu provincial e desejado expressar o pensamento comum da Companhia de Jesus atualmente.
- (3) — C.G. XXXIII, Decretos e Documentos — Ed. Loyola, S. Paulo (1984).
- (4) — Francisco Taborda, S. J. — "Para uma Teologia da Vida Religiosa, A Contribuição da XXXIII CG da Companhia de Jesus," em *Convergência* 19 (1984) 267 — 282.
- (5) — Cfr. Autobiografia de Inácio de Loyola — Ed. Loyola, S. Paulo (1974) n.ºs. 19 a 34; pp. 33-44.
- (6) — Exercícios Espirituais, tradição e notas de Pe. Gèza Koveczes S. J. n.ºs. (101 a 109). Para citar os Exercícios usarei a sigla EE.
- (7) — Cfr. Autobiografia, n.ºs. 45-48 Ib pp. 52-55.
- (8) — Já os próprios companheiros eram de várias nacionalidades, cada um desejoso de "gastar sua vida em proveito das almas" — cfr. Autob. n.ºs. 84-85; Ib pp. 93-94.
- (9) — As "Fórmulas" são uma síntese da Finalidade da maneira de viver daqueles que pertencerão à Companhia de Jesus, apresentadas a Paulo III e Júlio III, respectivamente, para a aprovação e confirmação da mesma ordem. Na Carta Apostólica "Regimini Militantes Ecclesiae" de 27 de setembro de 1540, Paulo III aprovou a Companhia de Jesus, e 10 anos mais tarde, a 21 de julho de 1550, vinha a confirmação dela por Júlio III, com a Carta "Expocit Debitum".
- (10) — Diz a Autobiografia: "Depois, acabado o ano, não se encontrando passagem (para Jerusalém) decidiram ir a Roma..." A caminho de Roma, Inácio teve a forte graça de La Storta, confirmatória do nome da Companhia de Jesus e da ligação com a cidade eterna (Autob. n.º 96, Ib. p. 108) Aliás, o amor do Jesuíta à Igreja vem desta experiência de Inácio, compendiada e desenvolvida mais tarde pelo santo nas 18 "Regras a observar para sentir verdadeiramente como se deve, na Igreja militante" (cfr. EE. n.ºs (352 a 370) Ib. pp. 211 — 218).
- (11) — Quando da morte de Inácio, com apenas 16 anos de Confirmação da Ordem, os mais de mil jesuítas existentes já estão praticamente em todos os continentes então conhecidos.
- (12) — Cfr. Constituições da Companhia de Jesus n.º (84).
- (13) — O Pe. Pedro Arrupe S. J. ainda Geral da Companhia, pronunciou uma Conferência para Jesuítas em 8 de fevereiro de 1980. cujo título já justifica sua lembrança aqui: "Inspiração trinitária do Carisma Inaciano". Para quem deseja aprofundar mais o sentido teológico do carisma jesuítico é importante ler esta Conferência, publicada pelas Edições Loyola em Col. Ignatiana, n.º 14.

- (14) — Pe. Arrupe na aludida Conferência lembra aos jesuítas este ponto particular da Pobreza tão caro a Inácio, que chegou a mandar que os Professores emitissem um voto de não estreitar o sistema da pobreza jesuítica — Op. Cit. n.º 95 p. 53.
- (15) — Esta idéia-força de Inácio de Loyola ficou sendo o lema da Ordem e sintetiza todo o seu pensar sobre a Companhia de Jesus.
- (16) — Cfr. "Lumen Gentium", cp. VI n.ºs 43 — 47 e todo o Decreto "Perfectae Caritatis", particularmente quando fala dos "Princípios Gerais de Atualização" — n.º 2.
- (17) — Cfr. Motu Proprio "Ecclesiae Sanctae," de 6 de agosto de 1966 — AAS 58, 1966, pp. 757 ss.; Instrução da Sagrada Congregação dos Religiosos "Renovationis Causam", de 6 de janeiro de 1969, sobre "A adequada Renovação da Formação para a Vida Religiosa" — DP 179; Exortação Apostólica de Paulo VI "Evangelica Testificatio", de 29 de junho de 1971, sobre "A Renovação da Vida Religiosa" — DP 182.
- (18) — O Breve Pontifício "In Spiritu Sancto", de Encerramento do Concílio, assinado por Paulo VI, tem a data de 8 de dezembro de 1965.
- (19) — Decreto 1: "Missão atual da Companhia de Jesus" — CG XXXI — Documentos.
- (20) — Alocução do Papa Paulo VI a 16 de novembro de 1966.
- (21) — Cfr. CG. XXXII — Decreto 1 (4 — 57).
- (22) — Ib. — Decreto 1 (7).
- (23) — Ib. — Decreto 2 (41).
- (24) — Só para dar um exemplo. Em 3 anos consecutivos, Pe. Arrupe aproveitou dos Cursos Inacianos, promovidos pelo Centro Inaciano de Espiritualidade de Roma, para dar a todos os Jesuítas três belas reflexões sobre o Carisma inaciano: em 1979 dissertou sobre o Carisma inaciano; em 1979 dissertou sobre "Nosso modo de proceder"; em 1980 sobre a "Inspiração Trinitária do Carisma inaciano e em 1981 sobre a realidade de que "Deus é caridade" ou Arraigados e fundados na Caridade".
- (25) — Homilia do Papa João Paulo II na abertura da XXXIII CG., a 02 de setembro de 1983 — Congregação Geral XXXIII, Decretos e Documentos, Ed. Loyola, p. 87 n.º 2.
- (26) — Op. Cit. p. 90 n.º 5 e 6.
- (27) — O texto definitivo de 9 de setembro de 1983 foi traduzido e inserido no opúsculo sobre a Congregação Geral XXXIII antes citado às págs. 45 — 71.
- (28) — Cfr. Op. Cit. p. 46 — 47.
- (29) — Cfr. Todo o número conclusivo do Decreto 1 da XXXIII CG. op. cit. n.º 50 pp. 70-71.
- (30) — Constituições — Prólogo n.º 134.
- (31) — Homilia — Op. Cit. p. 91 n.º 6. O grifo é meu.
- (32) — Ib. Op. Cit. p. 93 n.º 8.
- (33) — Carta do Pe. Peter Hans Kolvenbach a toda a Companhia de Jesus, no 450.º aniversário do voto de Montmartre, 84/12, com data de 31 de julho de 1984.
- (34) — CG XXXIII d.1. n.º 11.
- (35) — Os grifos na citação são meus, destacando o que julgo mais importante no pensamento do atual Geral.
- (36) — É a oração final dos Exercícios, onde Inácio sugere ao exercitante um ato de oferta total de si a Deus, na "Contemplação para Alcançar o Amor" — EE, n.º (234).
- (37) — Cfr. Prólogo das Constituições, n.º (134).

A. M. D. G.

# CONTEMPLAÇÃO EM AÇÃO

Quando observo os homens por este mundo afora, parece-me que seu comportamento prático se resume em algumas atitudes bastante simples, que se poderiam assim esquemematizar:

Em primeiro lugar, os cegos: como os ídolos a que servem, "têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem..." (Sl 115,6-6.) Tais são os fartos dessa terra, privilegiados de todos os regimes, tanto capitalistas quanto socialistas. O medo de perder a própria posição de poder e ter cerrou-lhes os olhos. E, em verdade, não vêem. Sua linguagem é informática ou matemática, e muitas vezes ideológica. Enxergam o mundo apenas em termos de porcentagens, proveitos, áreas de influência. Cruzam porém, todos os dias, pelos José, Aparecida, Suzuki, William e tantos outros, até mesmo sem vê-los. Para eles a práxis consiste em defender os próprios privilégios, defesa sempre mais custosa, cega e desastrosa.

No outro extremo, tornados cegos também, pelo absurdo das próprias condições de vida, aqueles cuja única práxis é grito, explosão brutal de uma imensa frustração que os tornou, desde muito tempo, insensíveis ao sofrimento dos outros. Não acharam outra forma de chamar a atenção senão a voz das armas, porque há tempo perderam toda esperança

de encontrar "um ser humano" por detrás da carcaça das instituições desumanas.

Um número maior de homens e mulheres consagram a própria vida a uma ação militante, convictos da gritante necessidade de sair do círculo vicioso da injustiça e da violência. Todos eles, de certo modo, consciente ou inconscientemente, são "contemplativos".

Seria míope quem agisse apenas por impulsos do momento, sem procurar numa ideologia, filosofia ou religião, uma resposta às grandes perguntas lançadas à consciência da humanidade. Quem é o homem? Para onde vai o mundo? Como podem sobreviver em paz as sociedades, sem autodestruírem-se na violência?

É "contemplativo" aquele que sai de si mesmo, para chegar a uma visão mais abrangente dos desafios que o mundo, em que vive, lhe traz.

Acho que as mulheres de meu bairro ajudaram-me a tomar consciência desta necessidade de "contemplação em ação". Abriam os olhos de seu coração para uma realidade gritante. Não havia creche para atender às necessidades das crianças cujas mães se vêem obrigadas a bater cartão todos os dias. O movimento partiu de uma Comunidade de Base, unida e dinâmica, mas logo es-

barrou contra a implacável indiferença dos órgãos de administração, muito mais preocupados com a campanha eleitoral do que com a sorte das famílias operárias.

Que fazer, então? Desistir? Ceder às pressões, às ameaças e ao medo? Talvez aproveitar do período de eleições para acender ódios e acelerar a escalada da luta de classes? Teria sido possível, sem dúvida, mobilizando os partidos de oposição, arrancar uma decisão que seria questionada na primeira reviravolta política...

Era preciso explorar outros caminhos. A comunidade cristã, desafiada por um problema aparentemente banal, não podia encontrar uma saída sem partir para um engajamento verdadeiramente "contemplativo".

Pensa-se comumente que a vida contemplativa é exclusividade daqueles que, atrás das grades dos mosteiros, se protegeram contra os desafios da ação militante.

O que se imagina quando se fala de contemplação? De que se trata?

Sem querer reduzir o termo "contemplação" à experiência exclusivamente cristã, só consigo falar dela a partir do que penso conhecer um pouco. Para responder à minha pergunta, invocarei o grande missionário SÃO PAULO, tão contemplativo quanto ativo:

"Por esta causa dobro os meus joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a

família, quer nos céus, quer na terra, toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória vos conceda que sejais corroborados em virtude, segundo o homem interior, pelo seu Espírito, e que Cristo habite pela fé nos vossos corações, de sorte que, arraigados e fundados na caridade, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura e o comprimento, a altura e a profundidade; e conhecer também o amor de Cristo, que excede toda a ciência, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus" (Ef 3,14-19).

Essas palavras não são de um homem de escritório. Fala-se ali, de poder, de força, de raízes e fundações, qualidades estas de homens de ação. A contemplação cristã não é perda de si na abstração das idéias puras, no além dos conflitos. Ela brota das quatro dimensões do amor crucificado.

À questão: "O que é o homem?", responde a largura do amor. Todas as ideologias que inspiram os militantes, tentam trazer resposta a essa questão. Fala-se então do Homem-Humanidade, ou do Homem massificado pelo consumismo e pela propaganda dos "mass-media", ou do homem indivíduo enfim sempre mais abandonado à própria solidão, no deserto anônimo das grandes metrópoles modernas. O cristão porém, contempla em Jesus Cristo, o homem realizado, chegado à plenitude da própria realização e perfeitamente unificado. Ele pode falar então a linguagem da fraternidade universal, pois paga seu preço com o dom da vida. Ele afirma conhecer o Pai. Nele

então, descobrimo-nos todos como filhos do mesmo Pai que está nos céus, e portanto, como irmãos. Na contemplação de Jesus Cristo, Filho do Homem, revela-se para nós, a incomparável grandeza do homem, do homem todo e de todos os homens. Isso orienta nossa ação de modo absolutamente original. Há algo de divino, traços do Espírito Santo ocultos no coração de todo homem. Não posso então, acreditar que algum homem seja radical e totalmente perverso. Por trás do funcionário aparentemente mais frio e insensível, há um homem criado à imagem e semelhança de Deus, e portanto, capaz de abrir-se a outra dimensão, a do amor e do encontro no diálogo.

É preciso uma longa paciência, "longanimidade", — "longo sopro" —, conforme o sentido etimológico da palavra ("longa anima"), para reencontrar o caminho do coração do homem. A pedagogia libertadora de todas as angústias que provocam a violência, nos é dada na contemplação do comprimento do amor. O Livro das Alianças ou aproximações sucessivas de um Deus apaixonado pela liberdade e Libertador do homem, nos dá a força de continuarmos acreditando e esperando.

A Bíblia faz-nos entrar devagarinho na lógica da ação de Deus: "Eu vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço seus sofrimentos. E DESCI para o livrar das mãos dos egípcios, e para fazê-lo SUBIR do Egito para uma terra fértil e espaçosa..." (Ex 3,7-8).

A contemplação do comprimento do amor nos permite enxergar e ouvir, e, talvez, descer. Deus desce para fazer subir. Toma a condição de escravo, até a morte de cruz, para ser exaltado e atrair todos os homens a si (Fil 2,6-11; Jo 12,32).

Como se pode agir em prol de uma verdadeira libertação sem descer, sem perder todos os próprios privilégios? Em outras palavras, como tornar-se o próximo daquele que jaz semi-morto à beira do caminho, depois de ter sido despojado pelos ladrões?

A contemplação nos lança para fora de nós mesmos. Ensina-nos a olhar não mais "QUEM É MEU PRÓXIMO", mas sim, "QUEM É AQUELE DE QUEM ME APROXIMO". Os ladrões mais perigosos não são aqueles de quem se fala habitualmente. Não se deve ter medo dos que a gente encontra pelos bairros das periferias, e que só podem apossar-se do nosso ter e, às vezes, até de nossa vida. É preciso temer aqueles que têm o poder de segurar nossa alma e de aprisioná-la. Há grandes ladrões que, legalmente, reduzem ao silêncio e à escravidão do medo, a milhões de homens.

A profundidade da contemplação do amor nos impele a nos tornar verdadeiramente solidários de todos os marginais da história, para revelá-los, como o fez o próprio Jesus, o fato de que Deus está com eles: o "EMANUEL" — Deus no meio deles, para salvá-los.

Toda práxis libertadora esbarra contra o medo dos privilegiados. As

melhores conquistas das lutas sindicais e políticas são sempre questionadas. As vantagens adquiridas, sob a pressão da força, trazem frustrações que se tornam fermento de vingança e reconquista. Não existe vitória definitiva enquanto o coração do homem não se abre para a fraternidade.

A contemplação nos ensina que não existem "amanhãs que contam". De nossa práxis só podemos esperar resultados parciais, limitados no tempo, cabeças de ponte do Reino de Deus, ameaçados pelo egoísmo e pela indiferença sempre renascendo no coração dos homens. Não devemos nos escandalizar com a oposição e a perseguição. Elas levam à constância que permite testemunhar a grande certeza: "Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus" (Ap 7,55).

Nossa práxis libertadora reabre, para o público, o processo a portas fechadas, desencadeado contra Jesus. O escravo que fora tido como morto na cruz, nessa sinistra sexta-feira em Jerusalém, é proclamado vivo, e se a contemplação me permite

ver os céus abertos, não há mais lugar então, para o desencorajamento e desespero. Nossa ação, por mais limitada e parcial que seja, canta desde já o triunfo do Cordeiro Imolado, antecipa a vitória sobre todas as potências da morte, pois Ele detém as chaves da morte e dos infernos (Ap 1,18).

As mulheres de meu bairro jamais relataram por escrito o fruto de sua contemplação, mas se reuniram para rezar enquanto duas delegadas iam para falar com os homens da instituição. Elas acreditavam que o Espírito de Jesus lhes permitiria vencer todas as resistências. Deram testemunho de uma coragem e audácia que surpreenderam a todos os que as viram agir. Quando, em presença das autoridades, de quem dependia a decisão de abrir uma cheche, se fez a pergunta: "Mas quem é que está empurrando vocês? Quem enviou vocês?", elas responderam com a maior naturalidade: "Jesus Cristo, é claro, porque só Ele é nosso Chefe!"

MICHEL CUËNOT  
OSASCO — SÃO PAULO — SP

# IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO NOS NOSSOS ENCONTROS

**Primeiro:** O Papa João Paulo II, aos Superiores Maiores Religiosos, disse: "Um momento de verdadeira adoração tem mais valor e fruto espiritual do que a mais intensa atividade, ainda que se tratasse da própria atividade apostólica. Essa é a **"contestação"** mais urgente que os religiosos devem opor a uma sociedade onde a eficiência veio a ser um ídolo..." O mesmo Papa, no Santuário de N. Sra. de Kalwaria, na Polônia, disse: "Que chegue deste lugar a todos que me escutam aqui ou em qualquer outro ponto, este convite simples e fundamental do Papa à oração. **É o convite mais importante, é a mensagem mais essencial.**" (Oss. Rom. 6/6/79).

**Segundo:** O que se afirmou em Puebla a este respeito: "Há empenho para que a oração chegue a converter-se em atitude vital, de tal sorte que a oração e a vida se enriqueçam mutuamente: oração que **conduza a comprometer-se na vida real**, e vivência da realidade que **exija momentos fortes de oração.**" (n.º 727) "A diocese na sua pastoral de conjunto, as paróquias e as comunidades menores (comunidades eclesiais de base e famílias) integram em seus programas evangelizadores a oração pessoal e comunitária. Procurar que todas as atividades na Igreja (como sejam: reuniões, uso de meios de comunicação social, obras sociais, etc.) sejam ocasião e escola de ora-

ção." (952-953) "Os sacerdotes, religiosos e leigos comprometidos salientem-se por seu espírito de oração e pelo ensino da mesma ao povo de Deus." (955).

**Terceiro:** O que disse o Pe. Geral dos Jesuítas, Presidente dos Religiosos do Mundo, na última Congregação dos Procuradores. No fim do discurso ele afirma: "... **concretamente, contar com amplos espaços de silêncio, dedicados à oração pessoal e compartilhada com a comunidade. Digo-o com veemente urgência**, tratando-se do que Deus quer desta Companhia; sinto que no centro da conversão e do compromisso apostólico ao qual me refiro, está uma **'robusta espiritualidade'** que não se adquire, nem se conserva senão com uma oração contínua que dá sentido à nossa vocação. Permitam-me que, indo contra as regras da retórica, insista mais uma vez: **é necessário mais oração pessoal, profunda, prolongada, compartilhada com os outros, e saber que, sem oração, nem a conversão, nem a avaliação, nem o discernimento, nem o empenho apostólico serão possíveis.**"

Refletindo sobre tudo isso, eis a proposta à minha consciência e a consciência de todos: Tomar com todo ardor e rigor "amplos espaços de silêncio dedicados à oração pessoal e compartilhada... e isso com **veemente urgência.**"

Se eu ou alguém de nós não fizermos isto, sejamos honestos com a nossa consciência e com os irmãos, e não falemos durante os encontros, mas só fiquemos ouvindo, porque, sem os requisitos acima, não haverá possibilidade "nem de conversão, nem de avaliação, nem de discernimento, nem de empenho apostólico."

Que não aconteça às nossas reuniões, o que aconteceu à figueira da qual Jesus se aproximou, nela encontrando só folhas e nenhum fruto; o que para as reuniões poderia significar: triunfalismo de palavras e planos, sem força para pô-los em prática, e tudo ficará no mesmo. Os

nossos planos serão como uma casa construída sobre a areia.

Se, pelo contrário, cada um de nós se prepara para as reuniões dando "concretamente amplos espaços de silêncio dedicados à oração, as reuniões serão semelhantes à casa da qual fala Jesus, construída sobre a rocha e se realizará uma síntese entre o antigo e o moderno, entre o espiritual e o temporal" (Puebla), e haverá uma grande união entre nós.

Pe. João M. Gardenal, S.J.  
Colégio Antônio Vieira  
Av. Leovigildo Filgueiras, 683  
40.000 Salvador, BA.

# EM JESUS A VITÓRIA SOBRE A MORTE

Pe. Marcos de Lima, SDB

Bíblia — “Cuidado! Fiquem atentos! Vocês não sabem quando chegará o momento” (Mc 13, 33). Vigiem porque não sabem quando o dono da casa vai voltar” (Mc 13, 35). “Digo a todos: Fiquem vigiando!” (Mc 13, 37).

Leitor — **MORRER!** Uma realidade dramática para além do poder da ciência e da vontade humana. **Vigiar!** Vivemos no mundo mas não somos do mundo. Nosso modo de pensar, de ver, de falar, de amar, de agir não podem ser, em consequência, deste mundo. **Esperar JESUS CRISTO**, Juiz-Salvador. **Orar** para ser digno de se apresentar, com segurança diante do Filho do Homem, quando Ele vier. **Operar!** Ninguém pertença à irmandade dos homens e das mulheres de braços cruzados. O dono da casa, ao partir para o estrangeiro, deixou-a aos cuidados dos empregados, “distribuindo a cada um a sua tarefa” (Mc 13, 34).

Bíblia — “Morrer para estar com Cristo é, de muito, melhor. Só uma coisa importa: viver à altura do Evangelho” (Flp 1, 20.24.27).

Leitor — **Pautar a vida pelo Evangelho** é se iniciar, aqui e agora, no segredo da vida em plenitude. O homem não é o seu próprio fim. Deus o criou segundo um modelo exemplar e o chama a realizar plenamente este modelo. Ele traz em si aspirações grandes demais para poder bastar a si mesmo. **A plena realização do homem está em Deus.** No malogro e no fracasso humanos de Cristo fomos salvos para uma vida nova. Nasceu o homem novo e definitivo que ainda dormita em nós à espera da plena realização.

Bíblia — “Onde está, o morte, a tua vitória?” (1 Cor 15, 55).

Leitor — **Em JESUS CRISTO**, Filho de Deus, o amor foi mais forte do que o ódio. A vida foi mais forte do que a morte. Em JESUS CRISTO a vida surgiu da morte. Sem a vitória de Jesus sobre a morte, o cristianismo é uma fraude e um terrível equívoco. **A Fé em Jesus Cristo** tem esta fascinante capacidade de expressar o que a linguagem racional não alcança: expressar a esperança na ressurreição que deve realizar-se não porque somos capazes mas porque é um sonho bom demais para não ser verdadeiro e factível.